



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE TEATRO LICENCIATURA

ROZEBEL TENÓRIO DOS SANTOS

**Sem Moldura**

MACEIÓ

2020

ROZEBEL TENÓRIO DOS SANTOS

**Sem Moldura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau no Curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. Marcelo Gianini.

MACEIÓ

2020

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S237s Santos, Rozebel Tenório dos.  
Sem moldura / Rozebel Tenório dos Santos. – 2020.  
74 f.

Orientador: Marcelo Gianini.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Teatro) –  
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,  
Comunicação e Artes. Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 70-74. Washington Monteiro da Anunciação

1. Criação (Literária, artística, etc.). 2. Performance (Arte). 3.  
Teatro do oprimido. I. Título.

CDU: 792.03



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE TEATRO LICENCIATURA**

Maceió, 06/07/2020

**ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC**

Aos seis dias do mês de julho do ano de 2020, às 14 horas, realizou-se nas dependências do Curso de Teatro desta universidade a sessão de apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC intitulado *Sem Moldura* do(a) aluno(a) *Rozebel Tenório dos Santos*, matrícula 14112825, do Curso de Teatro Licenciatura, como parte dos requisitos para conclusão do curso. A banca composta por:

*Prof. Marcelo Gianini* (orientador/a),

*Prof<sup>ra</sup> Valéria de Lima Nunes* (membro) e

*Prof. Washington Monteiro da Anunciação* (membro),

após arguir o(a) aluno(a), deliberou: aprovar o projeto, atribuindo-lhe nota: *nove (9,0)*.

Observações: 1. *Em decorrência do afastamento social de combate à pandemia de coronavírus, esta defesa foi realizada através da plataforma CAFE (Comunidade Acadêmica Federada), na página do professor Marcelo Gianini, no endereço <https://conferenciaweb.rnp.br/events/banca-de-tcc-de-rozebel-tenorio>, cujo conteúdo foi gravado pelo Núcleo de Tecnologia de Informática (NTI), da Ufal, sendo que seu arquivo encontra-se salvo nos arquivos do Curso de Teatro Licenciatura.* 2. *A banca solicita para a entrega do exemplar final a revisão das normas da ABNT em relação às imagens fotográficas e a melhoria na apresentação dos conceitos de performance que constam no Capítulo 1 da monografia.*

Assinaturas dos componentes da banca:

*Bisini*

\_\_\_\_\_ (orientador/a)

*Valéria Nunes*

\_\_\_\_\_ (membro)

*[Assinatura]*

\_\_\_\_\_ (membro)

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus por ter me dado capacidade para atravessar a jornada acadêmica com saúde, felicidade, sabedoria, humildade e amor.

Agradeço aos meus pais Severina Casimiro e João Tenório e a minha tia, Maria Tenório (todos in memoriam) por terem me dado à oportunidade de estudar e assim poder sonhar e acreditar no sonho que hoje realizo.

Agradeço aos meus irmãos que sempre acreditaram, contribuíram e me motivaram a estudar.

Agradeço a todos os familiares que sempre estiveram na torcida para que eu conseguisse alcançar meus objetivos.

Agradeço especialmente aos meus filhos, Odlin Tenório, Nayelly Tenório, Antonio Tenório e João Tenório que estiveram em todos os momentos da minha jornada acadêmica, inclusive presenciado muitas das aulas e também participando diretamente do projeto Sem Moldura. A eles todo o meu amor e infinita gratidão, por terem tido paciência, empatia, pelos lanchinhos, cuscuz, água levada para mim no quarto enquanto escrevia este trabalho, pelo silêncio oferecido para que assim eu pudesse pensar tranquila. Por terem aceitado com amor os muitos sacrifícios que passamos juntos para que eu pudesse realizar o sonho de cursar Teatro Licenciatura, na capital longe da nossa cidade e dos nossos.

Agradeço a Universidade Federal de Alagoas que me deu a chance e as ferramentas necessárias para realização do curso.

Agradeço a todos os meus professores (especialmente ao meu orientador, Prof<sup>o</sup>. Dr. Marcelo Gianini que me acompanhou desde o início do processo e não desistiu mesmo quando eu pensei em desistir e ao Prof.<sup>o</sup> Dr. e amigo Toni Edson que me motivou, me direcionou e acompanhou presencialmente quase todos os momentos da criação deste trabalho).

Agradeço aos colegas do curso Teatro Licenciatura e do curso Técnico em Arte Dramática (ambos da Ufal) que sempre estiveram dispostos a contribuir para meu desenvolvimento e aprendizagem.

Agradeço a todas as mulheres e homens que participaram direta e indiretamente de todas as etapas do projeto Sem Moldura.

Por fim, minha imensa gratidão a minha amada madrinha Fal (in memoriam) que foi desde o princípio minha principal inspiração para idealização deste trabalho.

## **Resumo**

Esse trabalho de conclusão de curso tem como objetivo principal pesquisar o processo de criação e prática da *performance Sem Moldura* e seus desdobramentos pedagógicos e artísticos, com ênfase nas oficinas realizadas entre os anos 2017 e 2018 nas cidades de Maceió-AL, Icó-CE, São Paulo-SP e Canindé-CE. Desta forma, esta é uma pesquisa de natureza qualitativa, auto-etnográfica, na qual apresento minhas experiências dialogando com os autores, e me aproprio de alguns procedimentos técnicos utilizados em qualquer tipo de pesquisa. Por conseguinte, como aporte teórico utilizo, sobretudo, algumas obras de Augusto Boal, Renato Cohen, Viola Spolin, Valeska Zanello, Patrice Pavis, Friedrich Schiller, Ana Santiago, Libéria Neves e reportagens de alguns *sites*. No final, apresentarei as contribuições desta pesquisa na minha formação.

**Palavras-chave:** Processo de criação. *Performance*. Teatro do oprimido.

## **Abstract**

This work of conclusion of course has as main objective to research the process of creation and practice of the *Sem Moldura* performance and its pedagogical and artistic theatrical developments, with emphasis on the workshops held between the years 2017 and 2018 in the cities of Maceió-AL, Icó-CE, São Paulo-SP and Canindé-CE. In this way, this is a research of a qualitative nature, autoethnographic, in which I present my experiences dialoguing with the authors, and I appropriate some technical procedures used in various types of research. Therefore, as a theoretical contribution, I mainly use some works by Augusto Boal and reports from some websites. In the end, I will present the contributions of this research in my training.

**Keywords:** Creation process. Performance. Theater of the oppressed.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>1. O QUE BRINQUEI E QUANDO BRINCARAM COM A MINHA HISTÓRIA.....</b>	<b>11</b>
1.1.1 A Trajetória.....	11
1.1.2 A Arte da Performance.....	11
1.2 Cabelos Femininos.....	15
1.3 A Origem do Sem Moldura.....	18
1.3.1 Leituras.....	20
1.3.2 Encontros e Entrevistas.....	23
1.2 O que Brinquei.....	25
1.3 E Quando Brincaram com a Minha História.....	27
1.3.1 Imersão no Teatro do Oprimido.....	30
<b>2. APRESENTAÇÕES DAS PERFORMANCES SEM MOLDURA .....</b>	<b>36</b>
2.1 Primeira Apresentação.....	37
2.1.1 Reverberações.....	43
2.2 Segunda Apresentação.....	45
2.3 Terceira apresentação.....	50
<b>3. OFICINAS SEM MOLDURA .....</b>	<b>57</b>
3.1 Primeira Oficina .....	57
3.2 Segunda oficina .....	58
3.3 Terceira Oficina.....	62



3.4 Quarta Oficina .....66

**4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....79**

**REFERÊNCIAS.....70**

## INTRODUÇÃO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso é uma pesquisa de natureza qualitativa e auto-etnográfica e tem como objetivo principal pesquisar o processo de criação e prática da *performance Sem Moldura* e seus desdobramentos pedagógicos e artísticos teatrais, com ênfase nas oficinas realizadas entre os anos 2017 e 2018 nas cidades de Maceió-AL, Icó-CE, São Paulo-SP e Canindé-CE.

Nesta pesquisa utilizei alguns procedimentos técnicos, como por exemplo, levantamento bibliográfico, leitura de livros, base de dados e pesquisa com sistema de busca utilizando a plataforma *Google*.

Como embasamento teórico utilizei principalmente as obras de Augusto Boal, no tocante aos jogos e oficinas e reportagens de *sites* de notícias onde pude encontrar a problematização, denúncias e infelizmente também o reforço aos atos machistas de nossa sociedade.

Dito isto, eu convido aos caros leitores a entrarem nesta viagem comigo, na qual, o início da primeira etapa do processo, contou com a participação de alunos dos Cursos Técnicos em Dança e Arte Dramática, ambos da Escola Técnica de Artes – ETA e das Licenciaturas em Teatro e Dança da Universidade Federal de Alagoas – Ufal.

Esta primeira etapa surgiu a partir de inquietações com os padrões impostos pela sociedade em relação à mulher. A premissa de que mulher tem que usar a cor rosa, tem que usar salto alto, tem que cozinhar bem, cuidar da casa, que toda e qualquer expressão com movimento corporal é um convite para que qualquer homem faça uso do seu corpo sexualmente e outras prerrogativas machistas que na maioria vezes quando não obedecidas levam a diversas situações de violência psicológica, moral, física e não poucas vezes à morte.

Esses padrões que me inquietam são provenientes do fato de as mulheres receberem salários menores; objetificação e sexualização do corpo feminino; imposição ao modo de vestir-se, enfim, foram muitas questões dentro desse mesmo tema que me levaram a realizar esta pesquisa.

Por conseguinte, no capítulo I, o leitor (a) encontrará relatos de uma trajetória de busca incessante pelo aprender, compreender e fazer artístico. Momentos de total lucidez e também uma empreitada que me levaram as realizações a sair do lugar comum e me ver como um indivíduo transformado e transformador de pessoas sempre na trilha da arte e da educação.

No capítulo II, abordarei as primeiras apresentações artísticas da *performance Sem Moldura*, que surgiu como atividade prática das disciplinas Pesquisa em Artes Cênicas, lecionada pelo professor Dr. José Acioli da Silva Filho, e Laboratório de Teatro de Rua e Performance, lecionada pelo professor Dr. Ivanildo Lubarino Piccoli dos Santos, no Curso de Teatro Licenciatura da Ufal.

No capítulo III, apresentarei as oficinas que ministrei. Os momentos de oficinas que aqui serão descritos muitas vezes me confundem se são mesmo oficinas ou se são completas apresentações. Ministro as oficinas, mas em muitos momentos me pego assistindo a mais bela das performances da vida real. Cortinas escancaradas, humanos com forte presença cênica, vezes que mais parecem um rouxinol cantando ao meu ouvido. Outras vezes parece um pássaro assumido preto que canta não por celebrar a existência, mas por ter sido condenado a prisão da cegueira e o que lhe resta é cantar.

E para finalizar esta introdução, penso que esta pesquisa se justifica por acreditarmos na importância de registrar e compartilhar de modo geral as vivências de cada etapa realizada no Projeto *Sem Moldura*, desde o embrião surgido enquanto aluna sentada em uma das bancas do Curso de Teatro Licenciatura, passando pelo nascimento e suas várias formas de reprodução ocorridas até a data 17 de agosto de 2018.

Então, compartilharei com vocês, caros leitores e leitoras, momentos íntimos, brincadeiras da vida que por vezes se tornaram sérias e dolorosas demais. E quando não mais suportável foi preciso até mesmo parar de brincar e andar firme cruzando caminhos cheios de espinhos. Parar de brincar parecia ser a solução, não foi.

Depois de adulta, experimento compartilhar minhas dores com estranhos e esses muitas vezes não me escutam, mas me ouvem; outros têm dores iguais e me ouvem, mas por mim nada puderam fazer; outros ouvem até e sem dizer uma palavra me ergueram com seu olhar que me dizia: Vai, você é gigante, menina mulher, arte educadora. Vai!

Busquei, encontrei outros pares que se embalam comigo na canção artística da vida; ouvimos juntos o pedido da vida que nos dizia: Você pode, crie os espaços, pode ser a sala de aula, o pátio, a “caverna” da universidade, as ruas, a caixa cênica. Mulheres, vocês podem! Acreditamos e fomos desenhando nossas vidas nos espaços cênicos sempre com direito a um belo cenário e cortinas que na maioria das vezes eram corpos humanos que ali também estava tentando deixar seu registro de existência.

O figurino quase sempre uma pele maltratada, rasgada, desidratada pelo calor infernal causado pelas aberturas, esfregações de seus corpos como se fosse o peru a ser exposto na ceia de Natal.

É preciso agir, e sozinha não posso. São muitos querendo nossos corpos de mulheres a fim de arregaçá-los sem pudor nem piedade. Outros nos perpassam nos tirando a pele sutilmente. Porém, acredito e tenho visto que existem outros tantos que nos fazem florescer e perfumar o jardim da vida. Vamos passear nesse terreno de palavras e quem sabe outras sementes germinem e outras vidas floresçam.

## Capítulo I - O QUE BRINQUEI E QUANDO BRINCARAM COM MINHA HISTÓRIA.

### 1.1.1 A Trajetória

#### 1.1.2 A Arte da *Performance*

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa, auto-etnográfica, como nos mostra a autora Sylvie Fortin no texto *Contribuições possíveis da etnografia e auto-etnográfica para a pesquisa na prática artística* (2009):

A auto-etnografia (próxima da autobiografia, dos relatos sobre si, das histórias de vida, dos relatos anedóticos) se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si. (FORTIN, 2009, p. 83).

Neste processo de criação a coleta de dados, possibilita “ver a parte visível de sua prática efetivamente, mas, também, ver a parte invisível, [...], os pensamentos, os valores, as emoções que afloram na prática artística e que nascem do relato simples” (FORTIN, 2009, p. 83-84).

Escrever sobre a *Performance Sem Moldura* me causou várias emoções e me trouxe várias lembranças e a que mais me chama atenção é do quanto eu era avessa a *performance*. Sim, eu detestava assistir *performance*, mas sempre assistia mesmo sem ter obrigação.

Quando presenciava alguma me vinha logo à frase “Que maluquice isso aí! Não tem o que fazer e diz que está fazendo arte, fazendo essas doidices que ninguém entende nada”. Aqui quando falo de *performance* me refiro a arte da performance como cita Patrice Pavis em seu dicionário:

A arte da performance é perpetuamente reestimulada por artistas que têm de seu trabalho uma definição híbrida, deixando, sem pudor, que suas ideias derivem na direção do teatro, de um lado; por outro, no da escultura, considerando mais a vitalidade e o impacto do espetáculo do que a correção da definição teórica daquilo que estão fazendo. A performance art a bem dizer, não quer significar nada (JEFF NUTRAL). (PAVIS, 2008, p. 284).

Ressalto aqui que quando o autor do texto acima diz, “A *performance art* a bem dizer não quer dizer nada”, essa fala me é compreendida da maneira a qual eu acredito ser o fazer performático artístico que é o dispor de um corpo real do artista e não de um personagem

criado para uma prática a qual não foi pensada com intuito de levar uma exata informação pré concebida, mas um ato de expressar o que nele habita sem a preocupação no modo o qual o espectador vai interpretar essa ação. Então, é fato que algo é sempre dito, mas não é pré-definido como seria em uma montagem de um texto dramático onde sabemos o que exatamente cada personagem deve transmitir com cada uma de suas expressões.

Em uma palestra do Flávio Rabelo<sup>1</sup> realizada na Ufal, em 2016, ficou evidente para mim a diferença entre Teatro e Performance. Minha interpretação sobre o que ele disse foi que a Performance seria o uso do corpo do próprio atriz/ator sem construção de personagem, sem obrigação de elaboração de cenário e figurino, enquanto no Teatro temos a necessidade de criação de todos esses recursos cênicos.

Hoje compreendo o porquê eu ficava tão indignada quando estava diante de uma ação performática artística. Eu falava que ninguém entendia nada, mas na verdade eu que não entendia. Era o meu medo que fazia eu me esconder. O medo do novo, do diferente, do que até então estava fora do meu alcance. Eu queria algo que desde o início já pudesse deduzir qual seria o final, e na *performance* nunca é assim, justamente por muitas vezes nem mesmo o *performer* saber até onde irá sua performance tendo em vista que na maioria tem ação direta dos espectadores e dessa maneira todos saem do lugar comum.

Esta é a potência da performance: deshabituar, des-mecanizar, escovar à contra-pêlo. Trata-se de buscar maneiras alternativas de lidar com o estabelecido, de experimentar estados psicofísicos alterados, de criar situações que disseminam dissonâncias diversas: dissonâncias de ordem econômica, emocional, biológica, ideológica, psicológica, espiritual, identitária, sexual, política, estética, social, racial... (ELEONORA, 2009, p. 237)

Comparo minha situação com a de muitos jovens de periferias, esquecidos pelas políticas públicas e sem acesso aos variados estilos musicais. Para eles ouvir uma ópera é chato, é ruim, é preferível ouvir o que os pertencem, as músicas tocadas diariamente em suas comunidades. Muitas vezes, o encontro desses jovens com formas diferenciadas de arte se dá somente no ensino superior, como foi meu caso.

---

<sup>1</sup> Doutor em Artes da Cena (2014/UNICAMP/FAPESP); Mestre em Artes (2009/UNICAMP/FAPESP); Graduado em Licenciatura em Artes Cênicas Teatro (2006/UFAL); artista transdisciplinar; *performer* e pesquisador professor.

Em 2014, meu primeiro semestre na graduação de Teatro Licenciatura, o professor Marcelo Gianini<sup>2</sup> da disciplina de Profissão Docente solicitou aos alunos que fizessem um protocolo sobre os temas abordados.

O professor lançou diversas provocações sobre as posições de aluno e professor, sobre o que nos prendia dentro e fora da academia, o que poderia ser feito enquanto estudantes e futuros professores para mudar as estruturas que nos cercam e se nós não estávamos repetindo padrões estabelecidos.

Nessa aula foi-nos solicitado um protocolo, uma forma artística de tentar responder o que havia sido discutido na aula. Na aula seguinte eu estava com meu protocolo pronto. Algumas pessoas escreviam poemas, liam textos, desenhavam em cartolinas, levavam músicas e encenavam esquetes.

A minha ideia era apenas cumprir a atividade solicitada. Levei tesouras e pedi que cada um dos meus colegas de turma e também o professor tirasse uma mecha do meu cabelo que até então era alisado e sempre longo. Enquanto cortavam, tinha um fundo musical que se repetia. Era a música “Como nossos pais”, do compositor Belchior<sup>3</sup>, na voz de Elis Regina<sup>4</sup>. Escolhi essa música por naquele momento ela falar muito sobre o que eu estava sentindo.

Eu estava de fato vivendo e para mim era melhor do que todo o sonho que já tinha tido. Não queria falar sobre coisas repetidas, tipo aquelas passadas de mãe para filha. Sabia do perigo na esquina, sou mulher e aprendi isso desde menina.

Sou do interior de Alagoas e agora vivia na capital, sentia uma esperança de que boas novas viriam, estava buscando conhecimento e na capital ele chega mais rápido. Doía-me a ferida da saudade da minha terra, da minha família, dos meus filhos, pois no primeiro período de curso tive que ficar longe deles. Ah, essa gente nova reunida na rua, eu quase não tive essa visão, tive filhos muito cedo e tinha muitos afazeres, tive que criá-los sozinha.

A lembrança que doía mais era saudade do que nunca vivi. Olhava o mundo e via tudo se repetindo e todos seguindo marcha. Ainda somos os mesmo e vivemos como nossos pais.

---

<sup>2</sup> Marcelo Gianini prof. Dr. do curso de Licenciatura em Teatro da Ufal.

<sup>3</sup> Antonio Carlos Belchior, mais conhecido como Belchior (Sobral, 26 de outubro de 1946 – Santa Cruz do Sul, 30 de abril de 2017), foi um cantor, compositor, músico, produtor, artista plástico e professor brasileiro. Um dos membros do chamado Pessoal do Ceará, que inclui Fagner, Ednardo, Rodger Rogério e outros. Belchior foi um dos primeiros cantores de MPB do nordeste brasileiro a fazer sucesso internacional, em meados da década de 1970.

<sup>4</sup> Elis Regina Carvalho Costa (1945- 1982), brasileira que foi considerada por muitos como a melhor cantora do Brasil de todos os tempos. Cantava vários gêneros entre eles: MPB, bossa nova, samba e rock. Muitas canções foram eternizadas em sua voz, exemplos: “Como nossos pais” e “Casa no Campo”.

**Como Nossos Pais**  
Belchior, 1976

*Não quero lhe falar  
Meu grande amor  
Das coisas que aprendi  
Nos discos  
Quero lhe contar como eu  
vivi  
E tudo o que aconteceu  
comigo*

*Viver é melhor que sonhar  
Eu sei que o amor  
É uma coisa boa  
Mas também sei  
Que qualquer canto  
É menor do que a vida  
De qualquer pessoa*

*Por isso cuidado, meu bem  
Há perigo na esquina  
Eles venceram e o sinal  
Está fechado pra nós  
Que somos jovens*

*Para abraçar meu irmão  
E beijar minha menina na  
rua  
É que se fez o meu lábio  
O meu braço e a minha voz*

*Você me pergunta  
Pela minha paixão  
Digo que estou encantado*

*Como uma nova invenção  
Vou ficar nesta cidade  
Não vou voltar pro sertão  
Pois vejo vir vindo no vento  
O cheiro da nova estação  
E eu sinto tudo na ferida  
viva  
Do meu coração*

*Já faz tempo  
E eu vi você na rua  
Cabelo ao vento  
Gente jovem reunida  
Na parede da memória  
Esta lembrança  
É o quadro que dói mais*

*Minha dor é perceber  
Que apesar de termos  
Feito tudo, tudo, tudo  
Tudo o que fizemos  
Ainda somos os mesmos  
E vivemos  
Ainda somos os mesmos  
E vivemos  
Como os nossos pais*

*Nossos ídolos  
Ainda são os mesmos  
E as aparências, as  
aparências  
Não enganam, não  
Você diz que depois deles  
Não apareceu mais ninguém*

*Você pode até dizer  
Que eu estou por fora  
Ou então  
Que eu estou enganando*

*Mas é você  
Que ama o passado  
E que não vê  
É você  
Que ama o passado  
E que não vê  
Que o novo sempre vem*

*E hoje eu sei, eu sei  
Que quem me deu a ideia  
De uma nova consciência  
E juventude  
Está em casa  
Guardado por Deus  
Contando o seus metais*

*Minha dor é perceber  
Que apesar de termos  
Feito tudo, tudo, tudo  
Tudo o que fizemos  
Ainda somos  
Os mesmos e vivemos  
Ainda somos  
Os mesmos e vivemos  
Ainda somos  
Os mesmos e vivemos  
Como os nossos pais*

(BELCHIOR, 1976)

As reações de meus colegas de curso diante da solicitação foram diversas, uns cortavam prazerosamente, outros tinham medo, dó, tremiam e até choravam. Eu me sentia livre liberta! Pela primeira vez desde criança iria ter meus cabelos cacheados de volta e para mim, naquele momento, era só isso.

Hoje vejo e sei que não era só aquilo. Nascia minha primeira performance, embora eu não tivesse consciência disso. Na verdade acredito que dentro de mim já estava nascendo a *performance Sem Moldura* que foi idealizada para libertar outros seres humanos de suas amarras sociais. Dois anos mais tarde, em outras disciplinas do



Curso de Teatro Licenciatura, a problematização dos cabelos femininos impulsionou a realização de novas experiências estéticas através de performances.

## 1.2 Cabelos Femininos

Os efeitos do machismo deixam marcas doloridas e muitas vezes irreversíveis. Em uma entrevista, a juíza de Direito Fabriziane Stellet Zapata respondeu a seguinte questão:

Na sua opinião, violência de gênero é uma particularidade da cultura brasileira? A violência de gênero é um fenômeno mundial. Todavia, no Brasil e em países sul-americanos, essa forma de violência atinge níveis epidêmicos. O Brasil é o quinto país do mundo que mais mata suas mulheres. É uma estatística vergonhosa para o nosso país. A música, o cinema, as manifestações em rede sociais, às propagandas reforçam a ideia de “objetificação” da mulher, que não é vista como uma pessoa, mas como um objeto, um corpo a ser utilizado, consumido e, quando não serve mais, descartado. Pode parecer exagero, mais quando estudamos a respeito de criminologia e violência nos corpos das mulheres vítimas de feminicídio, observamos como os ofensores atacam as zonas do corpo feminino mais ligadas a feminilidade, como seios, ventre, áreas sexuais, rosto, sempre de uma forma a mostrar seu ódio ao corpo da mulher. (A GRANDE..., 2019).

Além das partes do corpo (seios, ventre, áreas sexuais e rosto) citadas na fala da juíza de direito Fabriziane Stellet Zapata, acrescento aqui o ataque feito à outra parte do corpo feminino que também é tido como símbolo de feminilidade, a “moldura” da mulher, os cabelos.

Do mesmo modo que o processo de objetificação existe, há todo um aparato social que procura “escolher” como as mulheres devem mostrar o seu cabelo. Ouvi e ouço ainda discursos que dizem que ter cabelos longos, preferencialmente lisos, seria obrigação quando se quer garantir uma posição de mulher bela e digna. Mulheres são estimuladas a não cortar o cabelo de diversas formas.

Primeiro, muitos pais não permitem, depois pode ser o namorado, esposo, o patrão, a religião e assim ela acaba sendo convencida de que sua “moldura” é intocável, chegando até a oprimir outras mulheres que não se encaixem nesse padrão de beleza.

Muitos homens, por sua vez, ao violentar essas mulheres, atacam essa “moldura” no intuito de destruir sua beleza e dignidade. Assim fazendo, violentam não só fisicamente, mas também psicologicamente. Tendo em vista que essa mulher poderá se

sentir totalmente destruída por não se enquadrar no padrão de beleza que sempre lhe fora ensinado.

Encontrei no fazer artístico a liberdade de expressar as dores causadas por essas opressões as quais também sofri, e daí surgiu a ideia de realizar a performance que consiste em buscar possibilidades de mudanças de alguns padrões impostos pela sociedade em relação ao que é característico de uso feminino e focando principalmente ao padrão de cabelos longos.

A ausência da “moldura” é para muitos grupos sociais o sinal de fraqueza, doença, feiura, falta de amor próprio, desprezo a beleza e outros sinais que chegam ser vistos como abomináveis. No entanto para outros é sinal de vulgarização, de mulher que quer ser homem e por isso o ato de cortar os cabelos é ridicularizado.

Desde muito nova ouço as seguintes expressões: “Mulher de família tem que ter cabelos longos!”; “Mulher vadia pode cortar, essa só serve pra ser comida mesmo!”; “Ela cortou o cabelo igual um macho, é sapatona agora!”; “Pintou o cabelo, tá igual uma quenga!”; “Mulher de cabelo curto é coisa do satanás!”. Essas são algumas das falas que ouço sobre cabelos femininos e que muito me incomodam.

O cabelo feminino tem inúmeras simbologias e a mais comentada é certamente a simbologia da sensualidade. Como explica Kurt Stenn em entrevista à *Modern Salon*:

No século XVIII, as comunidades religiosas americanas consideravam que uma jovem com longos cabelos era perigosa e sedutora, mas no final do século XIX, quando o cabelo mais curto começou a torna-se tendência, as mesmas comunidades religiosas consideraram que o cabelo curto era agora o perigoso e sedutor” (STENN, 2017, apud MOURA, 2017).

Percebo que, quando longo, por algumas pessoas é citado como o objeto que servirá de “rédeas” durante o ato sexual. Quando curto, pode facilitar o famoso “fungado no cangote”. Quando raspado, é dito coisa de “pervertida”.

São caminhos pelos quais muitos machistas encontram formas de nos objetificar e nos mostrar que nossa função seria apenas satisfazer desejos e caprichos sexuais. O cabelo feminino pode ser também alvo de religiosos radicais que dizem que é sagrado e que nunca deve ser cortado para não perder a pureza e outros casos devem ser totalmente cortados como renúncia às coisas do mundo sexual.

O fato é que o cabelo feminino é inúmeras vezes usado como objeto de manipulação de mulheres. Um possível indicativo disso é que mulheres são quem mais

gastam com compras de produtos, serviços capilares e também passam horas diárias cuidando dos cabelos. Veja abaixo o que diz o texto sobre uma pesquisa desse tema:

As brasileiras são as mulheres que mais gastam tempo e dinheiro com cabelo no mundo, de acordo com uma pesquisa da empresa de cosméticos L'Oréal obtida com exclusividade por ÉPOCA. Aqui, elas investem em média R\$ 40 por mês. Metade frequenta o cabeleireiro a cada duas semanas e gasta nele R\$ 125 por mês. Isso é mais do que nos outros quatro maiores mercados de produtos para cabelos do mundo – Estados Unidos, França, Japão e Índia –, todos pesquisados há anos pela empresa L'Oréal. Dentro do mercado de beleza, um dos que mais crescem no mundo, o Brasil é líder em vendas, que superam R\$ 40 bilhões por ano (o equivalente a 1% do PIB nacional). Unilever, L'Oréal e P&G chegam a lançar 100 novos produtos anualmente. As brasileiras gastam dez dias por ano tentando deixar os cabelos perfeitos, o equivalente há 40 minutos ao dia. Elas usam, em média, de quatro a cinco tipos de produtos por dia (entre condicionadores, máscaras, óleos ou antirresíduos). Também lavam o cabelo em média cinco vezes por semana. Uma francesa lava três vezes. “A brasileira é a consumidora mais sofisticada e exigente do mundo”, diz Maya Colombani, coordenadora das pesquisas na L'Oréal. (KORTE, 2013).

Ao mesmo tempo as mulheres são ensinadas desde criança a se preocuparem com o cuidar do cabelo e seu corpo. O que muitas vezes não é estimulado nos homens com mesma faixa etária. Existem estereótipos criados das mulheres que sempre que possível dão aquela “arrumadinha” ao ficar de frente a uma vitrine espelhada, retrovisor de carro, na tela de celular desligado. Tudo se transformaria em espelho para conferir se tem algum fio fora do lugar. A palavra de ordem parece ser ter o cabelo “impecável”.

Veja o que diz o cabeleireiro da Natura Guilherme Cassollari em uma entrevista dada ao Jornal de Brasília:

As pessoas se preocupam muito com a aparência e já entenderam que manter um cabelo bonito e saudável exige dedicação, cuidados e gastos. A vaidade começa desde criança, completa. Para ele, a necessidade de cuidar dos cabelos vai além da estética. No caso das mulheres a importância é ainda maior. O cabelo é fundamental para resgatar a autoestima, a feminilidade, o poder de sedução e a autoconfiança. Além disso, cuidar da saúde dos fios agora é garantir uma velhice mais bonita. É claro que o volume do cabelo irá diminuir com o passar dos anos, isso é genético. Mas, tratar dos fios desde cedo é fundamental para chegar a terceira idade com o cabelo mais saudável e brilhoso”, conclui o cabeleireiro. (CUIDAR DO..., 2013).

O cabeleireiro cita que cuidar do cabelo melhora autoestima, autoconfiança e poder de sedução. Ele fala dando ênfase principalmente quando se trata das mulheres. Aborda o assunto como se tivesse tratando de algo positivo para mulheres

quando, na verdade, se a preocupação fosse verdadeiramente com a saúde, essa deveria se estender a cuidar dos cabelos de humanos não apenas das mulheres.

Há muitas vezes uma forma de opressão embutida nesse cuidado com os cabelos e que quase sempre é direcionada as mulheres. Ter cabelos longos ou curtos, em qualquer cor, ou não ter cabelo deveria ser uma escolha individual e não uma obrigação social ou religiosa como várias vezes é nos imposta. A colunista Patrícia Lima em um de seus artigos descreve sobre a “moldura” feminina no ponto de vista de ser sagrada ou profana:

Ao longo da história, os fios femininos serviram para a construção não somente de partes significativas da cultura, mas também das religiões. Por sua intrínseca sensualidade, é comum que a cabeleira seja relacionada ao sexo, ao pecado e à feminilidade. Basta lembrar da figura de Maria Madalena, a prostituta que acolhe Jesus Cristo, de acordo com a Bíblia. É com os cabelos que ela enxuga os pés do filho de Deus, como se a santidade dele pudesse encobrir tudo o que as vastas madeixas dela representavam. E o que dizer das beatas que vão à missa com os cabelos cobertos por um veuzinho de renda? Escondem os cabelos em sinal de recato, respeito e devoção, afastando-se do pecado de tê-los soltos, com os de Maria Madalena. Sim, você está pensando certo: não é por acaso que todas as imagens de Nossa Senhora a retratam com um véu cobrindo os cabelos. Nas religiões de matriz africana, a mãe de todos os orixás, Iemanjá, também cultivava longos e sedosos cabelos. Fertilidade e proteção, atributos sempre ligados à figura feminina, fazem com que Iemanjá seja a entidade mais reverenciada no Brasil. Nas festas dedicadas a ela, que ocorrem sempre junto ao mar, os devotos a presenteiam com perfumes, pentes e espelhos. Segundo a crença, o que ela mais gosta é de pentear e perfumar suas madeixas, longas e fartas como o oceano. (LIMA, 2014).

Dialogar com a citação acima é um tanto complexo. Ter cabelo é sensual, tem relação direta com sexo (não entendo onde está o erro de se ter uma necessidade fisiológica) e por isso está ligado ao pecado. Mulheres deveriam tê-los para ser femininas e sensuais, mas as que têm não os devem expor para não perder a santidade.

Na segunda parte da citação, o cabelo feminino é sinônimo de fertilidade, proteção e nesse caso eles são sempre expostos e exibidos como símbolos de beleza. Parece que o cabelo é parte do corpo feminino que serve para por meio dele manipular o ser mulher de várias maneiras. Existem diversas formas de encaixar os cabelos femininos em padrões escolhidos por determinados grupos e nos prender em molduras que em muitos casos não são as desejadas.

### **1.3 A Origem do *Sem Moldura***

Após a primeira performance *Sem Moldura* escrevi um relatório sobre todo o processo da mesma que serviu como atividade prática da disciplina Pesquisa em Artes Cênicas, lecionada pelo Prof<sup>o</sup>. Dr. José Acioli da Silva Filho; o fato de ter acontecido com um cortejo e ser na praça D. Pedro II, Centro de Maceió, Alagoas, também atendeu às necessidades da disciplina Laboratório de Teatro de Rua; o ato performático foi o resultado da disciplina Laboratório de Performance; as duas últimas disciplinas foram lecionadas pelo Prof<sup>o</sup>. Dr. Ivanildo Lubarino Piccoli dos Santos.

Quando os professores solicitaram os trabalhos práticos, eu já sabia o que queria fazer: queria tirar o cabelo, ou seja, não somente cortá-los como fizera dois anos antes, mas raspá-los totalmente. Porém não podia ser de qualquer jeito, queria fazer isso de forma teatral, então fui amadurecendo a ideia conversando com os professores que solicitaram os trabalhos e também com o Prof<sup>o</sup>. Me. Washington D`Anunciação, que registrou fotograficamente todas as etapas da primeira apresentação.

Convidei mulheres que quisessem participar também raspando a cabeça. Encontrei na maioria muita resistência, se negavam sem pensar duas vezes. Para elas aquilo era loucura e diziam que jamais raspariam a cabeça por nada nessa vida.

Continuei minha busca e certo dia encontrei com Elis Maria <sup>5</sup>, falei da ideia e ela de pronto aceitou, chegou a falar que isso mudaria a vida dela para sempre e que já tinha o desejo de raspar, mas faltava algo que a incentivasse a ter coragem de enfrentar a sociedade depois de ficar careca e que sendo por ter feito artisticamente seria mais fácil.

Em outro momento encontrei Yolanda Ribeiro<sup>6</sup> e fiz a mesma proposta, ela se interessou pela ideia, mas pediu um tempo para pensar melhor. Dias depois a reencontrei e ela aceitou participar.

As diversas reações das convidadas me mostraram efetivamente que raspar os cabelos femininos seria enfrentar um tabu, pois mesmo dentro de um ambiente artístico, como o Espaço Cultural Universitário da Ufal, onde funcionam os cursos de arte da universidade, sendo, portanto frequentado por artistas que normalmente rejeitam imposições sociais sobre suas formas de expressão, esse ato era visto como excessivamente transgressor. Isso me fez ter mais vontade de realizar o projeto *Sem Moldura* e dialogar com outras mulheres que já tinham raspado suas cabeças.

---

<sup>5</sup> Professora de artes da rede pública estadual de Alagoas, atriz, dançarina, performer e graduada em Teatro Licenciatura pela Ufal.

<sup>6</sup> Graduanda em Teatro Licenciatura na Ufal.

Agora estava mais confiante em fazer porque já sabia que a ação não seria mais realizada somente por mim. Enquanto discutia com Elis e Yolanda sobre o que faríamos, estava também entrevistando mulheres que raspam suas cabeças por motivo de doença, religião e escolha.

Amadurecida a ideia durante encontros, que duraram cerca de dois meses onde cada uma pôde falar de suas dores femininas colocamos em prática a *performance* decidida por todas que aceitaram participar do projeto *Sem Moldura*.

### 1.3.1 Leituras

Um ponto fundamental e que me deu grande suporte para efetivar o projeto foram algumas referências bibliográficas que li durante meu curso de graduação. Cada uma das referências me permitiu extrair um aprendizado. Aqui compartilho um pouco desses ensinamentos.

O professor José Acioli solicitou na disciplina Pesquisa em Artes Cênicas a leitura do livro, “Maria da Penha vai à Escola”<sup>7</sup>. E em um dos artigos dessa obra, Valeska Zanello escreve:

Atualmente, as mulheres continuam a ser vistas como cuidadoras natas. Elas aprendem a cuidar dos outros e a cuidarem muito pouco de si mesmas. Mesmo quando envolvidas em relações com menor desigualdade de gênero, concentram em grande medida as responsabilidades dos filhos e da casa e ressentem as tarefas realizadas pelo cônjuge como “ajuda”. Esta palavra, comumente utilizada (“Meu marido é ótimo! Ele até me ajuda em casa!”) é complicada, pois aponta a ideia, naturalizada, de que a obrigação do cumprimento das atividades domésticas é delas. (ZANELLO, 2017, p.35).

Nesse texto encontrei respostas para alguns dos porquês que tanto me inquietam. Por que a mulher tem a obrigação de ser responsável pelos serviços domésticos e cuidadora total dos filhos e ficam mal quando não realizam essas atividades? Porque na separação de um casal a mulher sempre que tem que ficar com os filhos, caso contrário ela é vista como uma espécie de “bicho ruim”?

Nada é tão simples de ser respondido, houve toda uma criação de padrões impostos sobre o que é masculino e o que é feminino ao longo da história humana.

---

<sup>7</sup>Livro lançado pela editora TJDFT (Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios), por meio do Centro Judiciário da Mulher – CJM, em 2017, como parte da programação da VII Semana da Campanha Nacional Justiça pela Paz em Casa. Esse livro foi organizado por: Ben-Hur Viza, Myrian Caldeira Sartori e Valeska Zanello.

Quem tenta sair desse padrão, tende a viver a margem do que é tido como digno e correto.

Outra leitura interessante foi solicitada pelo professor Marcelo Gianini na disciplina Teatro e Educação, “Jogos Teatrais na Sala de Aula” de Viola Spolin<sup>8</sup>, em que a autora afirma: “Nas oficinas de jogos teatrais, os estudantes devem sentir-se livres para explorar”. (SPOLIN, 2007, p.63).

Aqui aprendi algo que pratico nas oficinas que realizo. Mesmo sabendo quais os passos a serem realizados dentro de um determinado jogo teatral, deixo livre a criação dos oficinantes para explorar, acrescentar e modificar o que for necessário para melhor prática do mesmo. É importante que a participante sinta-se livre no processo. O processo de liberdade desde a oficina é para transformar essa pessoa em um ser consciente de que é uma cidadã livre e transformadora social.

No livro, *Performance Como Linguagem*, de Renato Cohen<sup>9</sup>, solicitado pelo professor Ivanildo Piccoli na disciplina Laboratório de Teatro de Rua e Performance, encontro a citação: “O trabalho do artista de performance é basicamente um trabalho humanista, visando libertar o homem de suas amarras condicionantes, e a arte, dos lugares comuns impostos pelo sistema” (COHEN, P. 45, 2002).

Neste descubro a importância da *performance* como ação transformadora da sociedade. *Performance* é a arte fora da moldura, acessível a todos que queiram praticar. Não precisa de espaço, figurino, cenário elaborado especificamente para sua realização. É a arte que tem o poder de chegar às pessoas independentes de seu poder econômico.

E depois das leituras e palestras sobre o tema, consegui compreender que *performance* também é uma linguagem artística e mais ainda, me descobri como *performer*.

---

<sup>8</sup> Violin Spolin. Nasceu em Chicago no dia 07-11-1906. Foi professora, autora e diretora de teatro e a criadora do método do Teatro Improvisacional. Faleceu em Los Angeles no dia 22 de novembro de 1994.

<sup>9</sup> Renato Cohen- Renato Cohen (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1956 - São Paulo, São Paulo, 2003). Ator, diretor, performer, teórico e pesquisador. Pertence à geração chamada “teatro das imagens”, que relativiza a importância do texto. Sua atuação começa em fins dos anos 1980, após se formar em engenharia pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli/USP), quando se aproxima do pesquisador e diretor teatral Luiz Roberto Galizia (1954-1985), integrante do grupo Ornitórrinco. Ao longo da década de 1980, cria performances e tem breve passagem como programador do Sesc Fábrica Pompeia. Essa vivência é utilizada em sua dissertação de mestrado em artes cênicas na USP, convertida em livro.

Das vivências acadêmicas, a que me fez apaixonar foi o contato com o Teatro do Oprimido de Augusto Boal<sup>10</sup> que me foi apresentado em uma oficina ocorrida na Ufal e ministrada pelo então aluno de Teatro Licenciatura na Ufal, Udson Pinheiro<sup>11</sup>.

Gostei tanto que ainda fiquei um semestre no grupo de estudos de T.O. da Ufal e só parei de frequentar as oficinas pelo fato dos encontros coincidirem com os horários do curso técnico em arte dramática da Escola Técnica de Artes/ETA onde tinha sido recentemente aprovada.

Em uma aula no curso técnico em arte dramática ministrada pelo professor Toni Edson ele falou pra turma sobre a imersão de teatro que ele iria e convidou a turma. Logo me interessei, busquei informações e fui a imersão com a equipe do CTO (Centro do Teatro Do Oprimido), do Rio de Janeiro, nos dias 24, 25, 26 e 27 de março de 2016.

No semestre 2016.1 ao retornar da imersão em T.O, apresentei um seminário onde fiz a explanação teórica sobre Teatro do Oprimido e também realizei minha primeira oficina com Jogos Teatrais de Augusto Boal.

Esta foi solicitada como trabalho de cunho avaliativo da disciplina Teatro e Educação ministrada pelo professor Marcelo Gianini. Desde aquela época até os dias atuais tenho praticado T.O, mas diria que não de uma forma comum. Consigo por meio dos Jogos Teatrais de Augusto Boal fazer oficinas que sempre resultam em *performances*.

O que chamo de “forma comum” no parágrafo acima, seria finalizar uma oficina de T.O com a realização de uma apresentação de Teatro Fórum<sup>12</sup> Teatro legislativo<sup>13</sup>,

---

<sup>10</sup> Augusto Boal (1931-2009) foi um dos dramaturgos que mais contribuiu para a criação de um teatro genuinamente brasileiro e latino americano. Desde os primórdios de sua carreira, no teatro de Arena, até o Teatro do Oprimido, técnica que o tornou mundialmente conhecido, passando pelas Sambóperas, sua preocupação foi a de criar uma linguagem que pudesse traduzir a realidade do seu país, uma maneira brasileira de falar, sentir e pensar. Essa preocupação imprime ao seu trabalho uma dimensão política e social, concebendo o teatro como instrumento de transformação alicerçada na temática e na linguagem.

<sup>11</sup> Ator, licenciado em Teatro pela Ufal, professor da disciplina Artes no ensino básico na rede pública municipal no município de Porto Calvo, militante por Políticas Culturais, realizador e educador social em Teatro do Oprimido desde 2008, sendo co-fundador do LATO (Laboratório Alagoano de Teatro do Oprimido).

<sup>12</sup> Teatro onde um grupo realiza uma cena até o seu maior problema e um espectador é convidado a entrar na peça e apresentar soluções para o mesmo.

<sup>13</sup> “O teatro legislativo é um conjunto de procedimentos que misturam o teatro-fórum e os rituais convencionais de uma Câmara ou Assembleia, com o objetivo de se chegar à formulação de Projetos de Leis coerentes e viáveis”. A encenação propõe uma problemática de um determinado grupo consciente de sua situação de opressão, analisado e debatido, com a finalidade de obter leis que favoreçam a causa do grupo oprimido. Na sessão do teatro legislativo, é necessário contar com a presença do maior número de oprimidos. (BOAL, 2009), Teatro do Oprimido e outras Poéticas.



teatro imagem<sup>14</sup>, teatro jornal<sup>15</sup> e no meu caso concluo sempre com uma *performance*. Boal disse que: “Atores somos todos nós, e cidadão não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma.” (BOAL, 2009). Acredito nesse poder transformador do cidadão ator e por isso sigo realizando.

### 1.3.2 Encontros e Entrevistas

Voltando ao processo de criação da *performance*, e inspirada por essas leituras e experiências, no desejo de ser essa cidadã que transforma a sociedade busquei entrevistar mulheres atrizes e não atrizes que já tinham raspado suas cabeças por variados motivos.

O que chamo de entrevista na verdade foram conversas sobre as experiências de cada uma ao passar pelo o processo de raspar suas cabeças. Perguntas feitas oralmente, no corredor da universidade, na casa de uma delas, na APALA (Associação dos Pais e Amigos dos Leucêmicos).

Duas dessas conversas foram filmadas. Uma dessas filmagens foi quando entrevistei Pâmela Guimarães<sup>16</sup> que também era aluna do curso licenciatura em Teatro. Por falta de contato após a entrevista não tive acesso ao vídeo que foi gravado na câmera dela. A outra foi Leonora e o desta eu guardei e inclusive foi utilizado na Exposição Foto Vídeo Sem Moldura que também fez parte desse projeto.

Cada uma das mulheres entrevistadas teve seu jeito peculiar de reagir à retirada dos seus cabelos. Leonora Maria Costa da Silva<sup>17</sup>, por exemplo, que raspou sua cabeça por motivo religioso compartilhou sua emoção me dizendo, “... na minha religião cabelo é questão sagrada...”, “Então, para se tornar uma mãe de terreiro no candomblé você tem que passar por uma série de desprendimentos físicos. E nessa iniciação acontece a raspagem”.

---

<sup>14</sup> Teatro onde um tema problema é mostrado ao público por meio de imagens construídas por corpos de atores e um espectador é convidado a compor o quadro vivo, buscando resolver o problema.

<sup>15</sup> Teatro que transforma notícias de jornais reais em cenas dramatúrgicas.

<sup>16</sup> Aluna do curso Teatro Licenciatura da Ufal e *performer*.

<sup>17</sup> Aluna do curso de dança da ETA-Ufal e atuante na militância negra. Realiza por meio da dança um trabalho voltado para o desenvolvimento social de jovens e crianças de sua Casa de Axé.

Minha querida e amada madrinha Fal<sup>18</sup>, hoje em memória, me falou que perder o cabelo estava sendo uma das piores partes de tudo que o câncer estava lhe tirando. “... tanto que eu me preocupava em manter sempre arrumadinho, era fino, mas eu dava um jeito de deixar bonito...”.

O relato de minha experiência ao ver minha madrinha sem cabelos é reveladora da questão que procurei problematizar na performance: a importância dos cabelos femininos no imaginário de nossa sociedade, e o quanto este imaginário pode ser castrador e violento.”

Eu sabia que minha madrinha estava tratando um câncer, mas não sabia que ela tinha perdido o cabelo. Morávamos distantes, ela em Girau do Ponciano, interior de Alagoas e eu na capital e só tinha notícias dela por telefone e as vezes que nos falávamos ela sempre estava sorridente e otimista.

Certo dia ela tinha vindo a Maceió para realizar um exame na Santa Casa e veio acompanhada pelo meu tio (Denilson Casimiro), seu esposo e pediu que eu a acompanhasse, pois não poderia ser acompanhada por um homem.

Tranquilamente aceitei ir ficar com ela, era um gesto simples de retribuir a quem tanto me amou me cuidou e por muitas vezes me medicou. Lembro-me das dolorosas aplicações de Benzetacil que ela me dava, mas logo a dor sanava porque sempre vinham acompanhadas de muito amor. Cheguei logo cedo no hospital e fiquei esperando por ela e estava acompanhando a sua vinda por telefone, quando ela disse que iria descer do carro porque estava havendo um protesto e o trânsito estava parado.

Assim ela fez, deixou meu tio no carro e foi ao hospital a pé e isso me dava mais certeza de que ela estava ótima. Encontrar minha madrinha tão vaidosa e, sobretudo cuidadosa com seus cabelos sem os mesmos me fez “perder o chão”, minha reação talvez não pudesse ser pior. Eu que achava que essa moldura (cabelo) não tinha tanta importância quanto às pessoas davam. Quando a vi entrando no hospital desabei no choro e tremia como se tivesse a vendo com uma perna ou um braço amputado.

Estava no hospital esperando-a para acompanhá-la na realização de um exame e quando ela chegou, eu nem sequer lembrava que a mesma estava doente, primeiro porque ela chegou a pé, sozinha, caminhando tranquilamente, bem vestida como

---

<sup>18</sup> Maria Mendes Tenório: Técnica em enfermagem que deixou de exercer sua profissão desde que casou com meu tio, que era enquadrado no padrão machista e dizia que mulher dele não trabalha, ele que sustenta. Era mãe de três meninos, cristã e cuidadora do lar, minha prima e madrinha.

sempre, e corada, nada aparentava doença a não ser o lenço que cobria a perda da sua “Moldura”.

Eu fiquei vidrada com o olhar no lenço, foi a pior de todas as surpresas que já vivi. Talvez tenha ofendido machucado, com meu olhar penoso e marejado de lágrimas de impotência. Assim como ela eu também fui ensinada que deveria ter cabelos longos, fortes e que essa era a principal beleza da mulher.

Perder os cabelos era pior do que está doente, era como se além da doença tivesse perdido um órgão o qual não teria possibilidade de transplante e daquele momento em diante teria que escrever a triste saga de uma mulher que não serviria para mais nada além de receber pobres consolos e os piores dos olhares, os olhares de pena e sem esperança de dias melhores.

Eu que achava que já era uma mulher bem resolvida com essas questões de estereótipos femininos, me vi sem chão e senti uma impotência sem igual. A passagem dela (minha prima e madrinha) por esse momento de dor, foi o grande motivo para me encorajar a raspar minha cabeça.

Quando realizei a *performance* ela já não se encontrava neste plano. Mantive todo o ocorrido em segredo, mas o Sem Moldura foi para ela. Depois das experiências com as oficinas resultantes em *performances* afirmo que: *Performer* também é o cidadão capaz de transformar a sociedade por meio da arte.

## 1.2 O Que Brinquei

Um dos caminhos para ampliar as possibilidades de deixar as participantes mais à vontade e livres no processo de criação do *Sem Moldura* foi mostrando e praticando na oficina algumas brincadeiras que fizeram parte da minha infância e também permitindo que elas compartilhassem suas brincadeiras. Dessa maneira todas se remetem, acessam suas memórias de quando criança.

Brincar faz parte da história da humanidade desde os primórdios e nos momentos que estamos brincando nossa criatividade aflora e nos liberta. Por meio das brincadeiras conseguimos nos lembrar de quando vivíamos sem “molduras”, de como era bom apenas existir e sermos nós mesmos, mesmo as brincadeiras acontecendo em coletivo não havia uma preocupação com perna fina, perna grossa, narigudas, unhas roídas, cabelos lisos, encaracolados, com manchinhas de feridas, com pele corada.

O que nos importava era nossa essência, o nosso ser e não como éramos vistas ou o que tínhamos. Brincando podemos nos lembrar de quando fomos nos moldando a gosto das imposições da sociedade e podemos iniciar um novo modo de viver nossas vidas sendo nós mesmas, nos aceitando como somos, igual nos aceitávamos quando éramos genuinamente crianças.

Lembro-me que quando tinha cinco anos, após sofrer um acidente de carro no qual perdi minha mãe, fiquei impossibilitada de brincar por ter fraturado o fêmur. E mesmo estando com gesso em toda a perna e região pélvica, minha cunhada Naldinha, que cuidou de mim durante toda minha recuperação, chamava meninas da vizinhança para brincar comigo e na calçada da minha casa brincávamos de elástico.

Eu nem podia ficar em pé por conta da fratura, mas ela me segurava e movia minha perna saudável me fazendo participar da brincadeira. Era um gesto de amor e cuidado que tento reproduzir até nas oficinas, sobretudo no jogo com elástico, o qual muitas pessoas têm dificuldade de realizar seja por déficit na coordenação motora ou alguma limitação física.

Lembro-me da paciência e carinho que não só minha cunhada mas também minhas colegas tinham ao esperar que eu completasse a brincadeira com toda minha limitação do momento. Por ser um gesto de solidariedade, essa é a brincadeira que não pode faltar na oficina Sem Moldura, a brincadeira do elástico. Ela é pra mim símbolo de amor, compreensão, superação, paciência, cuidado com o próximo.

Outra que sempre está no repertório é a brincadeira de roda com a canção “Alecrim Dourado”. Entendo essa como a que mais rápido leva o participante a acessar sua memória de infância. Realizar essa brincadeira, que é dar as mãos e cantar a música andando, pulando, às vezes correndo em círculo, é um brincar tão simples e ao mesmo tempo tão transformador. Sinto como se os participantes ganhassem asas, demonstrando uma leveza interior, que reverberam em suas expressões.

Por um momento eles não só recordam, mas voltam a ser crianças e muitas vezes desejei até que o tempo parasse ali para deixar aquelas pessoas viverem sua mais profunda essência, sem julgar e nem ser julgado, apenas viverem em prol de ser feliz e fazer o bem.

Brincar também é uma interação que facilita o entrosamento das participantes e possibilita a troca de experiências vividas como seres mulheres diante de pessoas e situações machistas. E dessa troca nascem as *performances* realizadas no final das oficinas.

Na minha infância brincar livremente era atividade diária e aquelas brincadeiras me faziam muito feliz. Cada brincadeira realizada era uma conquista alcançada, era um momento enérgico, onde eu podia ser exatamente quem eu quisesse ser, sem medo de ser feliz e sem me preocupar com os julgamentos dos outros.

Como escreveu o filósofo iluminista alemão Friedrich Schiller: “O homem joga somente quando é homem no pleno sentido da palavra, e *somente é homem pleno quando joga*” (SCHILLER, 1995, p. 84, grifos do autor).

Não era apenas uma menina correndo, era a Rozebel com tudo que eu verdadeiramente sentia, não me importava se o cabelo estava arrumado ou não, se a roupa estava combinando ou não e muito menos se a roupa era rosa ou azul.

Nas oficinas praticamos jogos teatrais do Teatro do Oprimido<sup>19</sup> e várias brincadeiras como: pega-pega, brincadeiras de roda, escravos de Jó com elástico<sup>20</sup>, copos<sup>21</sup>, pula corda, brincadeiras feitas com duas pessoas e em grupos. Muitas vezes adaptamos as brincadeiras e os jogos para que todos possam participar independente da resistência física de cada um.

Um bom exemplo dessa adaptação é a brincadeira com elástico onde temos que pular andando e cantar ao mesmo tempo e para algumas pessoas é difícil acompanhar o ritmo, então fazemos a mesma brincadeira com o elástico rasteiro, quase rente ao chão e cantamos, andamos mais lentamente, desse modo todos participam.

### 1.3 E Quando Brincaram Com Minha História

Depois de ter experimentado Teatro do Oprimido nas oficinas ministradas por Udson Pinheiro, sentia um grande desejo de aprender mais sobre e poder praticar TO, porém não tinha mais tempo para frequentar as oficinas que aconteciam no mesmo horário do meu curso técnico em arte dramática e na universidade pouco se falava e estudava sobre esta modalidade pedagógica formulada por Augusto Boal.

---

<sup>19</sup>(METAXIS USP, 2008). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jZ1Zk2Py8G4>> Acesso em: 18 de maio de 2020, às 12h.

<sup>20</sup> ESCRAVOS DE...,2018). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OgUJe6IoWvk>> Acesso em 28 de maio de 2020, às 12h20 min.

<sup>21</sup>ESCRAVOS DE..., 2017). Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=IAM0tbcblg0>> Acesso em 18 de maio de 2020, às 12h30min.

Segui meus estudos e o contato com TO era apenas teórico por meio de livros, vídeos e algumas encenações que eram realizadas pelo grupo do Udson. Era pouco pra mim. Eu queria praticar, vivenciar, realizar Teatro do Oprimido.

Sentia a necessidade de um momento de prática mais intensa, talvez participar do encontro do Teatro do Oprimido. Essa oportunidade chegou quando em uma roda de conversa no final da aula do curso técnico em Arte Dramática, o professor Toni Edson falou pra turma de uma imersão em Teatro do Oprimido que aconteceria na cidade de Teresópolis- RJ com a equipe do Centro do Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro.

Nos próximos parágrafos descrevo a saga da busca pelo acesso a uma vivência mais intensa com o Teatro do Oprimido e sabendo que nesse momento fujo a regra da cientificidade exigida para realização deste trabalho, peço ao leitor que se sinta livre para avançar sua leitura para o próximo tópico, 1.3.1 onde tentarei seguir escrevendo como exigem as normas de escrita de um trabalho acadêmico, se assim desejar. Porém, acho de extrema importância descrever momentos que fizeram parte da minha formação como pedagoga e cidadã e aqui os descrevo.

Ele passou todos os detalhes de como aconteceria e quanto custaria e mesmo que naquele momento eu não aparentasse ter nenhuma condição de ir por conta da situação financeira que não me era nada favorável, dentro de mim eu já tinha tomado à decisão de ir a todo custo. Eu sabia o quanto eu iria aprender com aquela vivência.

As ideias surgiram e aos poucos fui planejando e as coisas foram se ajustando. Eu não lembro a data em que ele deu a notícia, mas sei que foi mais ou menos uns dois meses antes do meu aniversário e então tive a ideia de pedir a colaboração dos meus amigos, familiares e colegas por meio do Facebook<sup>22</sup> e no boca a boca quando ia encontrando as pessoas as quais eu tinha afinidades, e não eram poucas.

Solicitei que de presente eu gostaria que eles depositassem ou me entregasse pessoalmente um real o qual eu juntaria para realizar o sonho de ir à imersão.

Ministrei aulas de teatro durante uma semana inteira nos turnos matutino e vespertino na Escola Municipal Natalina Cavalcante Maceió-AL, foram oficinas de jogos teatrais que tinham uma hora de duração e que os participantes colaboraram com um real que seria para ida à imersão.

Lembro-me da cena eu chegando em casa com os sacos de moedas e contando junto com meus filhos na maior felicidade. O sonho ia se tornando real.

---

<sup>22</sup> Facebook: mídia e rede social virtual.

Não posso citar os nomes porque foram muitas as pessoas que contribuíram para esse sonho, meus diretores, meus alunos que abriram mão das moedinhas que eram raras tê-las, muitos iam pra escola apenas pra poder ter a merenda para se alimentar, mas ao saberem da minha viagem para estudar e realizar mais um sonho não pensaram duas vezes e contribuíram com suas valiosas moedas e muito amor.

No momento dessa escrita faço uma pausa para chorar e agradecer a Deus por ter me cercado por tantos bons anjos e me manter sempre firme no propósito de crescer e contribuir.

A campanha de arrecadação durou cerca de 50 dias, não me recordo exatamente à quantia arrecadada, mas sei que consegui pagar à vista seiscentos reais dos novecentos reais que custavam o curso e as passagens, e ainda tinha um trocado para me locomover e para alguma eventualidade durante a viagem. Inscrição do curso confirmada, passagens compradas, duzentos reais no bolso e segui viagem de Maceió a Salvador e de Salvador ao Rio de Janeiro.

Não foi tão simples assim. Para ficar mais emocionante, chegando à Bahia eu perdi o celular e na procura dele acabei perdendo o vôo Salvador- Rio e para conseguir embarcar no vôo seguinte acabei tendo que pagar uma taxa que me custou os exatos duzentos que tinha para levar na viagem.

Uma passageira que tinha acabado de chegar ao aeroporto e que estava assistindo o meu desespero e negociação para conseguir viajar e não perder o curso depois de tanto esforço de tantas pessoas envolvidas, ela seria mais um anjo nessa história. A mulher desconhecida morava no Rio de Janeiro e estava chegando a Salvador para visitar suas filhas.

Ela estava muito comovida com tudo que estava me ocorrendo, sensibilizada me doou uma refeição que fiz em um restaurante fora do aeroporto junto com ela, duas garrafinhas de água pra levar na viagem e mais cinquenta reais e ainda me emprestou o celular para que eu pudesse avisar minha família sobre o ocorrido.

Nessa ida ao Rio iria aproveitar também para visitar meu irmão que não o via há 20 anos. Estava ansiosa demais e ele também. Estava tentando entender o misto de quantas coisas maravilhosas e outras nem tanto assim estavam acontecendo.

Pude acreditar piamente que o mundo está cheio de pessoas boas.

Chegando ao Rio meu irmão me buscou no aeroporto e matamos a saudade, conheci meus dois sobrinhos, relembramos muitas histórias da nossa infância, as

brincadeiras na rua, o quanto o aborrecia usando seus objetos para fazer minhas manifestações artísticas na rua.

Ele sempre me emprestava (obrigado pelo painho) a radiola que meu pai colocava na janela de casa para eu poder conectar o microfone do meu tio Deto que até hoje me pergunto pra que ele tinha um microfone, ele era dono de uma banca de jogo (cassino) e lá não se usava microfone.

Acho que ele sabia que tinha uma sobrinha artista e que uma hora iria usar para algo. Fiquei um dia na casa do meu irmão antes de seguir para Teresópolis, mas foi um tempo de qualidade, cheio de maravilhosas recordações e generosidade.

Vinte anos distante e grande parte desse tempo quase sem notícias não diminuíram em nada o nosso afeto, carinho e respeito um pelo o outro. Tínhamos raízes que foram fortalecidas com muito amor e o tempo e a distância só nos revelou o quanto é valorosa a base familiar solidificada no amor.

Depois de tantas emoções segui para Teresópolis onde ocorreria o curso com a passagem paga pelo meu irmão. Gratidão, Givaldo Tenório. Aqui retomo o processo de criação de Sem Moldura e tentarei seguir escrevendo como se é necessário em uma monografia.

### **1.3.1 A Imersão em Teatro do Oprimido**

A imersão foi um divisor de águas em minha vida. De repente me deparei com o Toni Edson (meu mestre e humano que tanto admiro e tento ser discípula), sendo agora meu colega de turma.

Eu roía tudo quanto era unha, tinha aceleração de batimentos cardíacos e outras sensações que não consigo descrever. Tudo isso por estar lado a lado do Toni, aprendendo teatro do oprimido e não ser mais a relação de professor e aluna. Éramos simplesmente colegas de turma. Eu tinha um medo terrível de errar diante dele.

Havia me esquecido da sua que pra mim é a maior qualidade. Havia me esquecido da sua humildade e das muitas vezes em que ele disse que seu maior prazer é que todos os seus alunos o superassem.

O Curso Imersão em Teatro do Oprimido aconteceu no Centro de Criação e Pesquisa Aldeia Casa Viva, em Teresópolis, RJ, teve duração de 32 horas e essas horas foram divididas nos dias 24, 25, 26 e 27 de março de 2016, foi ministrado pelo GESTO (Grupo de Especialização em Teatro do Oprimido), formado por Profa<sup>a</sup> Me..Helen



Sarapeck Ribeiro Pinto<sup>23</sup>, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Jussara Trindade Moreira<sup>24</sup>, Prof. Dr. Licko Turle<sup>25</sup>, Prof. Dr. Flávio Sactum<sup>26</sup> e o Prof. Me. Cachalote Mattos (nome pelo qual gosta de ser chamado)<sup>27</sup>. Todos os professores citados participaram da imersão nos proporcionando momentos teóricos e práticos. O primeiro dia iniciou com a prática do jogo, “Parque dos Sentidos” (Categoria Introdução<sup>28</sup>), onde os participantes formavam um grande círculo e ficavam de olhos fechados enquanto os professores davam os comandos do jogo.

Um sentido é limitado enquanto os outros eram aguçados, por exemplo: enquanto estávamos de olhos fechados eles colocavam objetos em nossas mãos e tínhamos que guardar as sensações sentidas ao usar o tato; também sentimos cheiros,

---

19-Helen Sarapeck Ribeiro Pinto- Doutoranda em Artes Cênicas pela UNIRIO e mestra no Ensino das Artes Cênicas também pela UNIRIO, possui licenciatura em Ciências Biológicas com pós-graduação em Teatro na Educação pela UERJ e qualificação como atriz pela Escola de Teatro Martins Pena. Educadora/Curinga da equipe do Centro de Teatro do Oprimido - CTO entre 1990 a 2015, e coordenadora Geral de 2009 a 2013. Fundadora do GESTO? Grupo de Especialização em Teatro do Oprimido, que atua desde 2010 na inclusão do Teatro do Oprimido em programas de pós-graduação universitária e é vinculado ao NEPAA - Núcleo de estudos das Performances Afro Ameríndias UNIRIO.

<sup>24</sup> Jussara Trindade Moreira- Mestre e Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2007 e 2012). Pós-doutora em Artes Cênicas - CNPq (2015). Graduação e Especialização: Licenciatura Plena em Educação Física (1980); Bacharelado em Musicoterapia (1989); Licenciatura Plena em Educação Artística - Habilitação Música (2000); Especialização (lato sensu) em Psicomotricidade e Pedagogia do Movimento Humano (1993). Tem experiência docente em Arte, com ênfase em Teatro e Música. Realizou montagens de teatro musicado com alunos da Escola de Música Villa-Lobos (Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro), onde atuou como professora de Práticas Dramatúrgicas no Curso Técnico de Música.

<sup>25</sup> Licko Turle inicia suas atividades profissionais com Augusto Boal, em 1986, com quem funda o Centro de Teatro do Oprimido no Brasil e, em 1992, o projeto teatro legislativo na Câmara dos Vereadores da Cidade do Rio de Janeiro. Pesquisador, ator e diretor teatral é licenciado em Letras (UERJ) e possui os títulos de mestre e doutor em Artes Cênicas. Atualmente, é professor bolsista pós-doc Capes/Faperj na Unirio, onde criou o Grupo de Estudos de Teatro do Oprimido – Gesto – e coordenador do GT Artes Cênicas de Rua da Associação Brasileira de Pesquisadores da Pós-Graduação em Artes Cênicas – Abrace.

<sup>26</sup> Flavio Santos da Conceição- Professor efetivo da Universidade Federal do Acre - UFAC. Professor da linha de pesquisa Pedagogia do Teatro do PPGAC/UFAC. Doutor em Artes Cênicas pela UNIRIO, mestre em Ciência da Arte pela UFF, possui graduação em Pedagogia e licenciatura em Teatro. Qualificação profissional como ator pela Escola de Teatro Martins Pena. Foi membro da equipe de curingas (pedagogo social) do Centro de Teatro do Oprimido onde trabalhou diretamente com Augusto Boal desde 2001 até 2009.

<sup>27</sup> Christiano Cesar Mattos Dias-Possui graduação em Artes Cênicas Com Habilitação em Cenografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005) e mestrado em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2016). Atualmente é cenógrafo do Centro de Teatro do Oprimido. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes. E membro do GESTO - Grupo de Estudo em Teatro do Oprimido.

<sup>28</sup> Mais à frente explico sobre o que é essa categorização.

abrimos os olhos a cada comando dado e assim fomos guardando as sensações que depois foram compartilhadas com todos.

É um jogo propício para iniciar uma oficina onde as pessoas ainda não se conhecem e já têm a oportunidade de falar um pouco sobre si. Quando contamos nossas sensações, relatamos muito do que somos mesmo que sem intenção. Quando alguém fala que o som ouvido lembrou violência, espancamento, enquanto outro ao ouvir o mesmo som diz que teve vontade de dançar e que se sentiu feliz, nos mostra nessas falas as referências e valores que já existem em cada um.

Após o jogo cada um se apresentou e contou como soube da imersão e por qual motivo estava realizando. Era um grupo composto basicamente de artistas e educadores de diversas áreas. Praticamos outros jogos, “Os contrários de Jackson” (Categoria Introdução), “Passa o nome, palavra e imagem” (Categoria Introdução), “Floresta de sons” (III Categoria), “Completar a imagem” (IV Categoria), “Os quatro em marcha” (demonstração do Teatro Fórum). Ainda no primeiro dia conhecemos um pouco sobre a dramaturgia do Teatro Fórum, (ver nota de rodapé na página 27), o professor Licko Turle abordou o tema “A origem do Teatro do Oprimido”, exibiu o vídeo “Augusto Boal e o T.O”.

Nesse momento eu estava me sentindo bombardeada com tanta informação e não sabia se ouvia ou anotava cada fala que era tão valiosa. A cada minuto era uma informação nova e o meu desejo era de gravar para sempre cada aprendizado, mas confesso que muito do que ouvi estou aprendendo nas oficinas e *performances*, e serei eterna aprendiz.

Aprender sobre Teatro do Oprimido é aprender sobre vidas, histórias de opressão e também sobre possibilidades de saídas de situações opressoras. Os professores compartilharam suas histórias de vida junto ao Teatro do Oprimido e também sobre a convivência com Augusto Boal (criador do método Teatro do Oprimido).

Compartilharam a imagem e explicaram sobre a Árvore do Teatro do Oprimido, que trago logo abaixo:



Primeiro são os direcionados à desmecanização muscular; segundo, estimulam a sonoridade e ritmo do corpo; terceiro são os que estimulam muitos sentidos e são realizados de olhos fechados; quarto são os que propiciam ver tudo o que se olha e assim possibilitam ao praticante se tornar mais observador; o quinto e último, focam em unir memória, emoção e imaginação.

É indicado que pratique os jogos escolhendo sempre de maneira que fiquem na ordem das categorias definidas para que se tenha um resultado mais assertivo no final da prática.

Seguimos praticando outros como: Círculo de Nós, Hope's Rythm, Escultura Suécia, Métoça, Sharapova, Homenagem à Magrite, Jana Cabana (esses dois últimos sempre pratico nas oficinas que realizo) e outros.

Teve um momento e que fomos divididos em pequenos grupos de cinco e seis pessoas se não me falha a memória, e nesses grupos compartilhávamos histórias de opressões sofridas ou vistas por cada participante. Depois cada um que desejasse poderia mostrar essa história da maneira que decidisse. Nesse momento, baseada na opressão vivida e contada para o grupo, eu escrevi o texto que depois li para todos os participantes.

O texto era o seguinte: “O sonho de ser amada de ser cuidada, roubou da menina o sonho de ser bailarina de ser artista de ser vista de ser aplaudida. As Promessas jamais foram cumpridas, os sonhos se tornaram apenas lágrimas. As promessas e os sonhos poderiam sim caminhar juntos se ele não fosse um canalha machista”.

Em outro momento depois que todos tinham contado suas vivências opressoras, tínhamos que escolher uma das histórias para encenarmos e para minha surpresa a minha história foi a escolhida. A cena relata a típica história vivida por muitas meninas vítimas do machismo.

Tinha 11 anos quando comecei a namorar um rapaz que tinha 18 e tudo era lindo. Eu era baliza da banda de fanfarra da minha cidade e isso nunca foi um problema para o então namorado até que um dia, depois de dois anos de namoro, eu resolvi “fugir” com ele, fui morar na casa dele para sermos “felizes para sempre”. E aqui a história de “princesa” teve fim.

Depois de quase um ano de ensaios, figurino pronto, teria uma apresentação da fanfarra em comemoração ao dia 07 de setembro, dia da Independência do Brasil. Essa apresentação seria mais ou menos dois meses depois do dia em que fui morar com o namorado.

Acontece que depois de “casados”, ele não me deixava mais ir aos ensaios e, mesmo as colegas e coreógrafa da banda indo saber o que estava ocorrendo, ele não permitia e até dizia que eu que não queria ir. Eu chorava, tentava convencê-lo de todas as maneiras, mas ele sempre com o mesmo discurso: “Isso não é coisa de mulher de casada. Você é minha mulher, não vai andar se exibindo para outros homens. Você é uma mulher de bem”.

Por fim, a apresentação aconteceu e como foi um desfile que acontecia nas principais ruas da cidade, eu tive a triste oportunidade de assistir sozinha, escondida por trás da janela da casa dele, enquanto ele estava lá na rua assistindo sem nenhum remorso. Impossível lembrar esse momento e não chorar.

Eu dançava naquela banda desde oito anos e tenho orgulho até hoje daquele fazer artístico que tanto me alegrava. Meu pai fazia o maior esforço para conseguir comprar os figurinos que eram absurdamente caros para nossa realidade e ele também me acompanhava em cada passo das apresentações. Sentia que minha vida não tinha mais sentido. Quando eu tocava no assunto brigávamos e me violentava física e psicologicamente.

Essa foi mais ou menos a cena apresentada por meu grupo, no qual Toni Edson fazia parte e fez o personagem que era o meu ex-esposo e eu interpretei uma das minhas amigas. Mesmo depois de tantos anos da história vivida, ver aquela cena me fez desabar no choro.

Não só pela lembrança da minha história, mas pela certeza do quanto é gigantesco o número de meninas que passam por situações semelhantes até hoje e que podem não ter a mesma sorte que tive de sair enquanto havia tempo de viver.

Por sobreviver a essa e outras opressões machistas, por tudo que a vivência no mundo da educação e da arte, por essa imersão transformadora de vidas, mais que nunca me comprometo a continuar com o fazer artístico educacional buscando possibilidades de transformações de outras vidas.

A imersão me trouxe muitos aprendizados e as experiências com a prática dos jogos teatrais foram as que mais me marcaram. O fato de agora não só saber da existência deles por meio de leituras, mas ter praticado me deram segurança para compartilhar, experimentar nas oficinas que realizei.

Assim como na imersão, sempre que pratico os jogos eles sofrem adaptações e isso é necessário para que todos os participantes realizem dentro de seus limites. Os jogos nos permitem ter esse cuidado com o outro e o cuidar do outro gera o sentimento

de segurança que é tão importante quando vamos abrir o livro de nossas vidas, sabendo que em seguida o mesmo será colocado em cena de alguma maneira por meio das *performances*.

## CAPÍTULO II - APRESENTAÇÕES DAS *PERFORMANCES* SEM MOLDURA

### 2.1- Primeira Apresentação

A formação acadêmica foi o grande suporte e estímulo para todo o processo criativo das *performances*, desde os primeiros estímulos dados nos períodos iniciais do curso, como aconteceu na disciplina, *Apreciação de Espetáculos de Teatro*, onde fui estimulada a assistir e escrever sobre várias apresentações e algumas delas eram *performances*.

Na disciplina *Profissão Docente* onde eram solicitados protocolos artísticos e ao atender uma dessas solicitações realizei minha primeira *performance* mesmo sem ainda ter consciência de que era isso que estava fazendo. E por último os pedidos dos professores Acioli e Piccoli, das disciplinas *Pesquisas em Artes Cênicas* e *Laboratório de Teatro de Rua e Performance*, respectivamente.

O primeiro solicitou que a turma fizesse um relatório escrito sobre uma apresentação artística criada por cada aluno e o segundo pediu que os alunos criassem uma apresentação teatral ou *performance* para apresentar na rua. Criando a *performance* que foi realizada em praça pública, eu pude atender as duas solicitações. O trabalho que nasceu como atividade avaliativa, ganhou outros rumos também fora do espaço universitário.

Na primeira edição, o *Sem Moldura* ocorreu em praça pública no centro de Maceió, e teve duração de mais ou menos uma hora.



Foto: Washington da Anunciação (2017)

As performers dentro do Espaço Cultural Universitário já dando início ao cortejo.

Iniciou na Ufal no Espaço Cultural Universitário, onde acontecem às atividades de ensino do Curso de Teatro Licenciatura, saímos em cortejo acompanhado pela plateia que já ia se formando pelos professores, familiares, amigos e colegas que estudam no



mesmo campus, no caminho outros transeuntes iam nos acompanhado e ao chegarmos na praça Dom Pedro II no Centro da cidade tomamos nossas posições cênicas brevemente ensaiadas e decididas. De repente muitas pessoas se aproximaram e foram completando a cena.



Foto: Washington da Anunciação (2017)

*As Performers* atravessam as ruas do Centro de Maceió, observadas e acompanhadas por alguns transeuntes.



Foto: Washington da Anunciação (2017)

*Performers* se preparam para o início da apresentação, observadas por vários transeuntes, na Praça Dom Pedro II, no Centro de Maceió.

Três mulheres vestidas de branco e um rapaz vestido de preto tiveram suas cabeças raspadas pelos *Spect-atores*<sup>29</sup>, plateia que foi formada pelos transeuntes. Essas

<sup>29</sup> São convidados a entrar em cena e, atuando teatralmente e não apenas usando palavra, revelar seus pensamentos, desejos e estratégias que podem sugerir, ao grupo o qual pertencem, um leque de alternativas possíveis por eles próprios inventadas: o teatro deve ser um ensaio para a ação da vida real, e não um fim em si mesmo. (BOAL, 2012, p. 19)

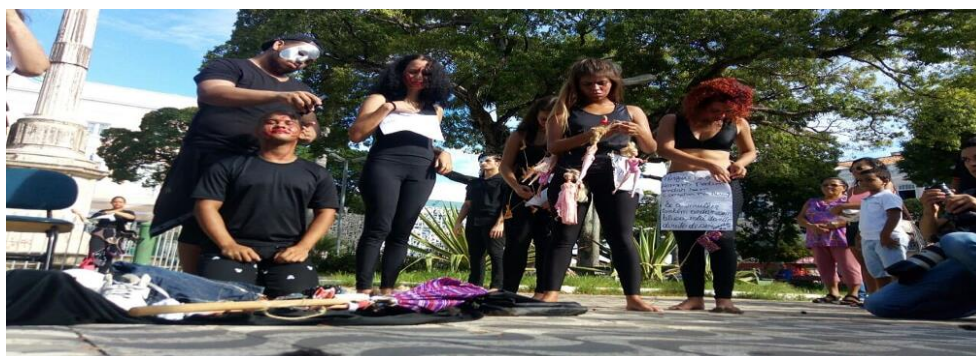


mulheres eram Elis Maria que tinha o cabelo com tamanho médio, Yolanda Ribeiro que há muito tempo já usava o seu sempre curtinho e eu que tinha o cabelo grande e não o cortava há dois anos, desde minha primeira *performance* em que meus colegas de turma cortaram e ficou em tamanho curto; o homem era Éric Pascoal<sup>30</sup> que tinha o cabelo bem curtinho.



**Fotos: Washington da Anunciação (2017)**  
**Plateia em cena cortando os cabelos dos *performers*.**

Ao mesmo tempo acontecia outra cena em que mulheres vestidas de preto tiravam suas amarras, se desprendiam de objetos que muitas pessoas da sociedade dita como coisas de uso apenas feminino.



**Foto: Washington da Anunciação (2017)**  
**Mulheres *performers* tirando adereços que estavam presos em seus corpos**

Esses objetos (bonecas, batons, bolsinhas, laços e outros) estavam presos aos seus corpos por barbante sisal e, quando tirados, eram substituídos por outros adereços (uniforme de futebol, luvas de boxe, boné e outros), mas agora eram os ditados por muitos, como coisas de uso masculino.

<sup>30</sup> Aluno do curso de Arte Dramática da ETA/Ufal e aluno do Curso de Licenciatura em Dança da Ufal.



*Foto: Washington da Anunciação (2017)*  
**Performers usando objetos que para muitas pessoas da sociedade são de uso apenas masculino.**

Enquanto isso, o coro fazia partituras que remetiam a movimentos (sentar de pernas abertas, cruzar os braços em postura séria e outros) e profissões (corredor de vaquejada, pedreiro e outros) ditas do mundo “dos homens”. Esses movimentos, profissões e objetos ditos como femininos ou masculinos, inúmeras vezes são nos colocados assim desde a nossa infância.



*Foto: Washington da Anunciação (2017)*  
**Performer Tamires Rodrigues fazendo partituras de movimentos de profissão que para muitos são do sexo masculino.**



**Foto: Washington da Anunciação (2017)**

**Performer Natasha Cardoso fazendo partituras de movimentos de profissão que para muitos são do sexo masculino.**

Em seguida escrevo um pouco da fala de Ana Paula Rodrigues, coordenadora na Fundação Xuxa Meneghel, conversando sobre essas definições de coisas para cada gênero:

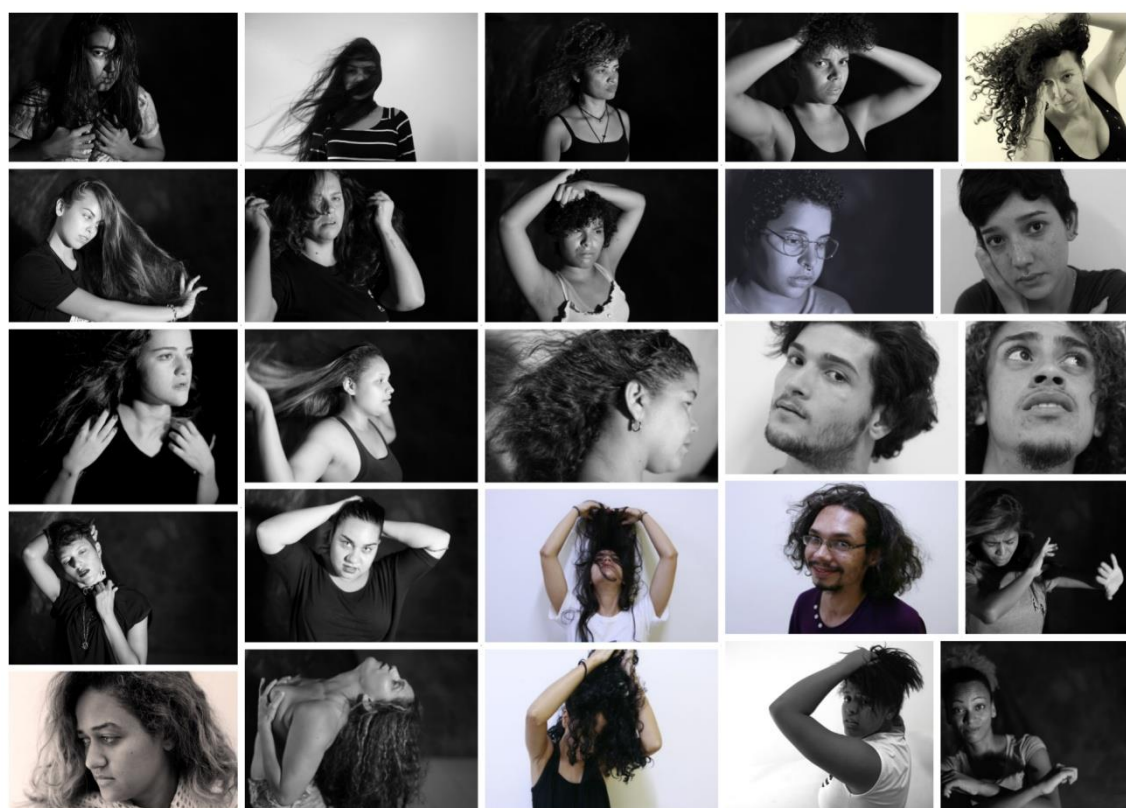
“Você já pensou quando ele crescer?” Essa é uma frase bastante comum de se ouvir quando uma criança brinca com aquilo que a sociedade acredita não ser indicado para o seu gênero, como um menino com bonecas ou uma menina jogando bola. Por trás dessa apreensão, existe o “medo” da homossexualidade futura, como se um brinquedo ou uma cor fosse capaz de definir a orientação sexual da criança. (COISAS DE..., 2013-2020).

Desde criança, até nas inocentes brincadeiras, por vezes já são pré-definidos nossos papéis na sociedade por meio dessa separação de tipos de brinquedos e brincadeiras, nos tipos e cores das roupas, nos desenhos que vamos assistir e até nas historinhas infantis, onde na maioria das vezes as meninas são frágeis princesas, ou desempenham o papel de cuidar das tarefas do lar e de seus filhos, e os meninos são os super-heróis fortes, corajosos, ou seja, as mulheres dependentes dos homens e eles livres para fazer o que desejarem.



O medo citado por Ana Paula é mais uma das opressões sofridas diante dessas condições que nos são impostas culturalmente. Continuemos agora com descrição da apresentação do Sem Moldura.

Nessa edição contamos também com a participação de mais dois artistas do sexo masculino, que fizeram a raspagem final das cabeças das *performers*, dois meninos, quatro fotógrafos e no trabalho inicial tivemos a participação especial de outras pessoas que emprestaram suas “Molduras”, para serem fotografadas e serem expostas na exposição fotográfica que ocorreria posteriormente.



**Fotos: Washington da Anunciação (2017)**

**As primeiras fotos das “Molduras”. Foram tiradas na Ufal- Espaço Cultural Universitário.**

O objetivo foi mostrar ao público as dores que são causadas nas mulheres devido aos padrões impostos pela sociedade em relação ao que é característico de uso feminino e focando principalmente o padrão de cabelos longos.

O padrão de beleza feminino apresentado fortemente nas mídias atuais tem feito com que cada vez mais muitas mulheres esqueçam o valor de sua essência como ser humano e vivam em uma busca desenfreada no intuito do alcance desta “beleza” e quando não encontram possibilidades de alcance, adoecem e até colocam ponto final em

suas vidas. Henriette Valéria reforça em um de seus artigos o quanto esses padrões estão afetando os seres femininos. Veja o quanto é forte sua fala:

Temos visto um verdadeiro massacre humano, de mulheres, adolescentes se matando para atingir um inatingível padrão de beleza imposto pela mídia. Em uma sociedade democrática, as mulheres tornaram-se escravas da indústria da beleza, tão difundida pelos meios de comunicação, os quais tem dilacerado a nossa juventude, pessoas que estão perdendo o prazer de viver, tornando-se solitárias, por estarem inconformadas com sua forma física, controlam alimentos que ingerem, para não engordar; esta escravidão assassina a autoestima, produz uma guerra contra o espelho e gera uma auto rejeição terrível. [...] A sociedade exige uma dupla ou tripla jornada de trabalho (cuidar da casa, do marido, das crianças, do emprego, do curso de especialização, do cabelo, da estética, entre outros). (SILVA, 2014).

Falas como essa da Valéria, e também por ter sido muitas vezes submetidas a esses padrões que muito me fizeram sofrer e viver sendo alguém que nem eu mesma sabia quem era, foi o que me fizeram idealizar e participar dessa performance, me impulsionando a pesquisar sobre outras possibilidades para realização de novas atividades artísticas com coletivos femininos.

### 2.1.1 Reverberações

Seguindo com o propósito, realizei junto ao professor Ivanildo Piccoli uma mesa redonda na MTACTION-2017 (Mostra de Trabalhos Acadêmicos do Curso de Teatro da Ufal)<sup>31</sup>, onde discutimos sobre a *performance* depois que todos os presentes assistiram ao vídeo da mesma.

Foi um bate papo que ampliou em mim a importância de dar continuidade ao Sem Moldura, pois senti o quanto foi importante não só para minha transformação como cidadã, artista, educadora mulher, mas também para ampliar espaços onde outras mulheres possam se colocar de maneira segura, fazendo suas escolhas sem imposições sociais.

Aqui também quero destacar o quanto é importante que os professores da universidade incentivem seus alunos a prática de pesquisas acadêmicas, mas que essas não sejam somente para obtenção de notas.

O incentivo do professor Ivanildo Piccoli na realização deste projeto foi muito valioso, não só por ter solicitado o trabalho acadêmico que deu início a essa ideia, mas

---

<sup>31</sup> Evento acadêmico semestral do curso de Teatro Licenciatura da Ufal que acontece no Espaço Cultural e é aberto à comunidade.

por ter estimulado e acompanhado a continuidade e também mostrado a importância do mesmo para outras comunidades além da acadêmica.

A proposta que ele me fez para participar da MTACT foi muito importante para que eu entendesse que não tinha sido apenas uma apresentação seguida de aplausos e que me daria a nota da disciplina, mas que seria uma pesquisa, uma busca de mais conhecimento sobre o tema que foi abordado na *performance* e que traria possíveis soluções dos problemas enfrentados acerca do tema.

Durante a roda de conversas, Piccoli me fez várias perguntas e muitas delas ainda estou encontrando respostas em cada fase deste trabalho inclusive ao escrever essa monografia. Hoje compreendo um pouco melhor que uma pesquisa nunca tem fim porque quando achamos ter encontrado a resposta e solução para um problema, é exatamente aí que nos surgem novas ideias e com elas novas problemáticas. Assim é o ciclo do fazer pesquisa sobre o âmbito artístico. Depois dessa primeira experiência, decidi continuar com o experimento, porém em outros contextos.

Li alguns livros, “Maria da Penha vai à Escola” (LEMOS, 2017), “Performance Como Linguagem” (COHEN, 2002), “200 Exercícios e jogos para ator e não ator com vontade de dizer algo através do teatro” (BOAL, 1979), “O uso dos Jogos Teatrais na Educação” (NEVES, SANTIAGO, 2010) e outros; ouvi depoimentos de espectadores e dos *performers* participantes que na maioria diziam que foi um ato de muita coragem e também tinham a curiosidade de saber como estava sendo viver careca, como que as pessoas estavam reagindo ao me ver.

O depoimento que mais me tocou foi o da *performer* Elis Maria que também raspou sua cabeça. Ela disse que desde o dia da apresentação sua vida nunca mais foi a mesma, porque agora ela se sentia mulher de verdade, que se sentia livre, e que mesmo tendo passado por um desentendimento com sua mãe por ela não aceitar ver a filha sem os cabelos e dizer palavras duras como, “Você não é minha filha, isso é coisa do satanás”, mesmo diante disso tudo, nada abalava a felicidade de ser livre para escolher ser o que quiser.

Choramos juntas, nos abraçamos e eu via como Elis estava radiante, um brilho no olhar, parecia que tinha nascido de novo e que sua vida agora tinha um propósito real, se encontrou como importante ser mulher.

Experimentei jogos teatrais (Jana Cabana, Cacique e outros) principalmente os do Teatro do Oprimido por encontrar nesse uma grande proximidade com o ato de brincar e permitir a liberdade para que cada um se coloque de maneira leve e confiante e

compartilhe suas vivências e no final de cada oficina nascia uma nova Performance *Sem Moldura* e mesmo praticando os mesmos jogos e brincadeiras os resultados foram distintos. Na primeira o foco foram os cabelos, como já descrevi.

## 2.2 - Segunda Apresentação

A segunda apresentação aconteceu dia 02 de agosto de 2017, no Centro Cultural Arte Pajuçara, Maceió-Al, e foi uma das apresentações do projeto Diversiflix<sup>32</sup>. Nesta tivemos a participação das performances Tamires Iandra<sup>33</sup>, Elis Maria, Yolanda Ribeiro, fotógrafos Washington da Anunciação, Selma Santos<sup>34</sup> e eu, Rozebel Tenório, que estava na direção e também como *performer*.

O propósito era expor sem medo, sem constrangimento, áreas do nosso corpo as quais nunca mostrávamos, nem quando em íntimas relações amorosas sexuais, por julgar partes feias, fora do padrão de “beleza”.

A *performance* foi a abertura do evento Diversiflix e iniciamos no hall de entrada onde também era o espaço em que as pessoas ficavam sentadas, consumindo alimentos e bebidas enquanto abriam as portas do teatro. Estávamos vestidas de preto e usando cordas de sisal como adornos de nossos cabelos. Em nossos braços estava escrito com batom vermelho a frase, “Sem Moldura”.

Ao chegar, o público não nos via completamente, pois estávamos atrás de um tecido preto no qual havia recortes que através dos mesmos eram mostradas as partes dos corpos as quais nós não gostávamos por não se enquadrar no padrão de “beleza”. Assim por alguns minutos o público pode observar essas partes como se estivesse vendo uma foto em moldura.

---

<sup>32</sup> Projeto que discute sobre sexualidade de uma maneira dinâmica por meio de ações artísticas como: dança, teatro, música, performance, filmes e que após as apresentações sempre realiza um bate papo sobre um tema pré definido dentro do contexto da sexualidade. Essa conversa é mediada pela psicóloga Anne Rafaele, a consultora sexual Milka Freitas, ambas idealizadoras do Diversiflix e convidados pesquisadores e/ou pessoas que viveram situações abordadas pelo tema do evento.

<sup>33</sup> Tamires Iandra da Silva, aluna do curso de Arte Dramática da ETA/Ufal.

<sup>34</sup> Selma Santos, aluna do curso Teatro Licenciatura da Ufal.



**Foto: Washington Da Anunciação (2017)**  
*Performers iniciando a performance no hall de entrada do Espaço Cultural Arte Pajuçara.*

Ficamos nessa fotografia por mais ou menos 25 minutos e quando já próxima à hora de abrir as portas do teatro e o público já estava presente derrubamos o tecido e nesse momento respiramos profundamente aliviadas, sentindo que nos libertamos de mais uma “moldura” do padrão social de “beleza” defendido por tantos em nossa sociedade.



**Foto: Washington Da Anunciação (2017)**  
*Performers livrando-se das “Molduras”.*

Agora “Sem Moldura”, começamos a caminhar entre as pessoas que vão reagindo e reverberando suas emoções de várias formas. Uma garota que tinha aparentemente entre 18 a 20 anos grita: “Meu Deus, se eu tivesse visto isso antes não teria sofrido tanto por não aceitar meu corpo!”.

Do outro lado uma senhora diz: “Minha família toda deveria está vendo isso, que lindeza!”. Lembro também de uma mulher que aparentemente ficou indignada, baixou a cabeça ficou teclando no celular, nos ignorando o tempo todo. E assim fomos seguindo e vivendo detalhes de cada fala ouvida, expressão emitida, risos, choros, aplausos e desprezo também.





**Foto: Washington Da Anunciação (2017)**  
*Performers andando entre a plateia antes de entrar na sala de teatro.*

As portas do teatro se abriram e conduzimos todos para lá, onde dançamos no palco ao som de músicas alagoanas na bela voz da cantora Mari da Costa<sup>35</sup> e do violão do músico Breno Chiarelli<sup>36</sup> e quando todos estavam aconchegados em seus assentos, fizemos os agradecimentos e sentamos junto à plateia onde ficamos até o final do evento com nossos belos corpos sendo exibidos “Sem Moldura”.



**Foto: Washington Da Anunciação (2017)**  
*Performers já no palco do teatro dançando músicas alagoanas e exibindo seus corpos sem “Molduras”.*

Nesta *performance* eu, pela primeira vez, depois de 17 anos, mostrei meu abdômen. Tenho uma cicatriz dos 4 partos cesarianos e desde o primeiro parto sempre escondi minha barriga, mesmo quando casada, e até durante o ato sexual. Odiava minha barriga com todas as forças possíveis.

<sup>35</sup> Professora substituta do Curso Técnico de Canto Popular e aluna do Curso de Arte Dramática ambos da ETA/Ufal.

<sup>36</sup> Aluno do Curso Técnico de Canto Popular da ETA/Ufal e também aluno do Curso de Música Licenciatura da Ufal.

Eu que sempre desfilava nas aberturas dos jogos da minha cidade exibindo a barriguinha sem gordura, sem estrias e sem cicatriz, não aceitava expor o que agora tinha como feiura. E lembrava também da cena do meu ex-marido que ao me ver chegando da maternidade, após o parto do primeiro filho, disse: “Tu vai ficar assim com essa barrigona e com essa cicatriz horrível?”.

Eu tinha 14 anos e eram 14 anos de construção de um padrão de beleza que agora eu já não o tinha e minha resposta foi chorar. Desde daquele momento, por 17 anos, aquela frase martelava minha cabeça e me fazia sentir feia, triste e descompensada diante de outras mulheres que podiam exibir suas barrigas.

Ir a passeios onde tinha espaço para uso de roupas de banho era torturante, pois eu sempre usava um maiô que não gostava, mas que era o que escondia o que eu via como defeito. No processo da *performance* me libertei e estive em cena com a barriga exposta, mas agora não era a barriga e eu, éramos “eu”. Desde então essa não é mais uma dor que sinto.



**Foto: Washington Da Anunciação (2017)**

**Esta sou eu, Rozebel Tenório feliz “Sem Moldura”!**

Iandra falou que nunca havia passado pela a cabeça que um dia iria ter coragem de expor seus culotes e sempre tentava disfarçar usando roupas que não marcassem essa região do corpo ou usando sufocantes cintas. Falou ainda que se sentiu livre e mais amada por ela mesma.



**Foto: Washington Da Anunciação (2017)**  
**Performer, Tamires Iandra livre, “Sem Moldura”!**

Elis contou que sempre achou seus seios grandes, desproporcionais demais para seu corpo e que todas as vezes que precisava comprar roupas, pensava logo em esconder, fosse com uso de blusas sem decotes ou com sutiãs que apertassem muito e aparentassem ser menor o que a deixava sempre desconfortável. Ela repete sempre que desde a primeira etapa do Sem Moldura que a cada dia se sente maior, mais encorajada a ser ela mesma, e tem vivido isso como se não houvesse amanhã.



**Foto: Washington Da Anunciação (2017)**  
**Performer, Elis Maria, plena “Sem Moldura”!**

Yolanda disse que sempre achou desconfortável o uso de sutiã, mas foi ensinada a usar desde cedo, pois era menina e não podia expor seus mamilos e que já vinha

buscando liberta-se do uso dessa peça que para ela sempre fora desnecessária, porém usava por se sentir obrigada.



**Foto: Washington Da Anunciação (2017)**  
**Performer, Yolanda Ribeiro, leve feito uma criança “Sem Moldura”!**

Compartilhar aquela dor e ouvir as dores das outras meninas me fez entender ainda mais que somos humanos e que não deve haver padrões, porque há mulheres e diferentes corpos e histórias.

### **2.3 - Terceira Apresentação**

A terceira apresentação se caracterizou como um momento de celebração e agradecimento pelas etapas já vividas nesse projeto.



**Fotos: Dany Karla (2017)**  
**Agradecendo a cada pessoa por cada detalhe do projeto “Sem Moldura”!**

Esta aconteceu no restaurante e lanchonete Hero Burger, localizado no bairro Santa Lúcia, em Maceió- Al, no dia 25 de novembro de 2017, com abertura às 19h.



Fotos: Dany Karla (2017)

Recepcionando a plateia que foi se aconchegando em seus assentos e saboreando as delícias do restaurante e lanchonete *Hero Burger*.

Esse evento teve entrada franca e foi realizado graças à parceria de amigos que contribuíram de várias maneiras. Ingrid Omena, a proprietária do estabelecimento, cedeu o espaço para a exposição e apresentação do monólogo Blanche Dubois, interpretado por mim, e contratou a banda Alamoia, que animou nosso evento nos embalando com músicas dançantes até às 3:30h da madrugada, Washington da Anunciação fez uma belíssima participação tocando pífano na abertura do monólogo, Cleci Nascimento e Selma Santos mediarão a exposição, Daniela Karla fotografou, Shirley Lima ajudou a montar o cenário da exposição e fez artesanalmente nosso livro de assinaturas de visitantes, e o senhor Canetinha, radialista, publicitário e jornalista, cedeu espaço para falarmos ao vivo sobre o projeto Sem Moldura e divulgar o evento dessa etapa em seu programa, “Pajuçara no Ar”, na rádio Pajuçara FM.

A exposição de foto e vídeo teve uma belíssima e descontraída plateia que enquanto apreciavam as fotos e vídeo também perguntavam sobre detalhes dos momentos de cada imagem.



Fotos: Dany Karla (2017)

Plateia observa a montagem de fotos de cabelos (à esquerda) e fotos da primeira *performance* (à direita).



As fotos expostas foram tiradas em vários momentos do projeto *Sem Moldura*. Tiveram as fotos de um dos primeiros contatos com os convidados a participar da primeira *performance*. Nessa etapa tiramos várias fotos focando principalmente as cabeleiras, depois temos as da *performance I*, temos ainda outro momento de fotos tiradas em uma sala de aula da faculdade, esse aconteceu após a primeira *performance* e aí são fotos dos *performers* já carecas, e por último fotos da *performance II*.



**Foto: Dany Karla (2017)**

As fotos foram expostas “Sem Molduras”, penduradas em cordas de sisal e presas por pegadores de madeira e assim como separei para acima os momentos em que aconteceram os registros dessas fotos, também foram organizadas na mesma ordem. O vídeo foi exibido em uma TV e nele mostrava alguns momentos das *performances* e a entrevista que fiz com Leonora Maria.

O monólogo que apresentei é um trecho do texto, “Um bonde chamado desejo” do autor Tennessee Williams.



**Foto: Dany Karla (2017)**  
**Plateia aplaudindo no final do monólogo Blanche Dubois**

Esse foi o monólogo que apresentei como teste para ingressar no curso de Arte Dramática da ETA/Ufal- Escola Técnica de Arte Dramática da Universidade Federal de

Alagoas em 2014. Amo interpretar essa personagem, pois sinto que há um pouco de Blanche em muitas mulheres ao meu redor, inclusive em mim.

Escolhi por se tratar de uma personagem que sofre de várias maneiras por conta das imposições machistas da opressão ditada pelo padrão de beleza que ela sempre viveu e que a levou à loucura. Na peça, Blanche sai da sua cidade pegando um bonde para casa da irmã Stella que ela já não via há anos.

É uma fuga por conta de ter se envolvido com um de seus alunos, perdido o emprego de professora de inglês, sua única fonte de renda, e ter piorado sua situação financeira, que já não estava bem, por conta dela ter gastado toda a herança dos pais que faleceram e por ter vendido a própria casa.

Sentia-se feia, tinha medo de não ser mais amada e se escondia por trás de joias, casacos e adereços de luxo, o que a levou à falência. Chegando à casa da irmã, se depara com uma situação que para ela era absurda. Stella estava morando em uma pequena casa de cortiço em uma relação totalmente abusiva, com o seu esposo, mas não percebia e vivia como se estivesse em um conto de fadas.

A professora de inglês tentou manter em segredo a sua realidade, inclusive a morte do seu jovem marido que se suicidou ao descobrir que Blanche sabia de sua relação extraconjugal e homoafetiva.

No fundo ela ainda tinha esperança de encontrar seu par amoroso mesmo diante do caos interior que estava vivendo. Sua irmã vai para o hospital ter nenê e seu cunhado aproveita o momento e a estupra, deixando-a ainda mais dilacerada.

Por fim, um rapaz que demonstra interesse em se relacionar com ela e que era o único que ainda fazia com que ela pudesse ter esperança de realizar seus sonhos amorosos, fica sabendo de seu passado e logo a despreza, dizendo palavras duras, como “Você não é limpa o bastante para entrar na casa de minha mãe”, e aí se parte o último fio de esperança que ainda lhe restara, levando-a a perder totalmente a sanidade mental.

Nessa apresentação eu tive a honra de ter comigo em cena um dos meus queridos mestres do curso de Teatro, Washington da Anunciação. Enquanto eu entrava em cena ele tocava no pífano a música “Mulher (sexo frágil)” do compositor Erasmo Carlos.



**Foto: Dany Karla (2017)**  
**Professor Washington e eu no final do monólogo Blanche Dubois.**

Após o monólogo fiz os agradecimentos a todas e todos os presentes, tirei foto com cada um da plateia e caímos na dança ao som da banda Alamoá.



**Fotos: Dany Karla (2017)**  
**Do lado esquerdo, Banda Alamoá, e à direita, da direita para esquerda, a amiga Shirley Lima, eu, amiga convidada da Shirley e Tamires filha da Shirley.**





**Fotos: Dany Karla (2017)**

**Em ambas as fotos registros de colegas e amigos artistas que prestigiaram o evento.**

Durante o momento de agradecimento solicitei que quem pudesse me enviasse por email uma crítica escrita sobre o evento daquela noite e dias depois recebi algumas. Compartilho aqui algumas fotos dos autores e trechos de suas críticas:



**Foto: Dany Karla (2017)**

**Colega, ator Jamerson Farias atento à descrição do evento.**

A programação foi recheada com exposição de fotografias feitas pelo sensível e preciso Washington Da Anunciação, com a presença de uma banda local com um repertório de músicas nacionais e internacionais, além de um monólogo do texto “Um bonde chamado desejo” de Tennessee Williams, interpretado pela então Rozebel que estava muito bem caracterizada; visualmente nos puxou para dentro da época. (FARIAS, 2017).



**Foto: Dany Karla (2017)**

**Colega ator, Luciano Rodrigues.**

Achei massa o fato de você escolher um ambiente completamente diferente do que estamos acostumados (caixa cênica), e também ser na parte alta da cidade, como você mesma disse: aqui é esquecido... Precisamos ver mais artes por aqui.” (RODRIGUES, 2017).

Muito válida a atenção dos amigos, saber que muitos estavam presentes não apenas para ter um momento de entretenimento, mas por assim como eu, acreditar na importância da arte como ação transformadora de vidas e lugares.

Registro importante, para este momento o público foi previamente convidado a fazer uma doação de um brinquedo que após o evento seria doado aos meus alunos da Escola Municipal Natalina Cavalcante. Foram poucas doações e como tinha muitos alunos e eu não queria causar tristeza nos que não recebessem, eu junto com as amigas que organizaram o evento decidimos doar para as crianças que moravam na vila em que eu residia.

O Sem Moldura já teve nove edições. Além das que já descrevi um pouco, ocorreram também as do dia 14 de julho de 2018 no Teatro Municipal da Ribeira dos Icós no Ceará; dia 20 de julho 2018 na Fatec-SP, dia 14 de agosto de 2018, no Diversiflix que ocorreu no Ifal-Maceió; dia 17 de agosto de 2018 no Salão Data Festa em Maceió-Al; e dia 01 de setembro de 2018 no SINDSEC de Canindé- CE. No capítulo a seguir descrevo mais um pouco sobre as vivências desse projeto, mas agora dando ênfase aos momentos de realizações das oficinas.

## CAPITULO III – OFICINAS SEM MOLDURA

Depois da realização das apresentações que ocorreram como resultados de encontros, diálogos, prática de alguns jogos teatrais, a escuta do outro entre outros fazeres relacionados à prática artística e educacional, surgiu um novo direcionamento de como realizar práticas performáticas abordando o tema “Mulheres Sem Moldura”.

Esse direcionamento foi experimentar oficinas teatrais com prática de jogos, brincadeiras da infância, troca de experiências vividas, diálogos de vida que posteriormente se transformariam em cenas performáticas, buscando com essa prática encontrar possibilidades de acesso as nossas memórias da infância e experimentar viver fora da “moldura”.

### 3.1 – Primeira Oficina

A primeira oficina aconteceu a partir do convite que recebi para participar de mais uma etapa do Encontro de Teatro comunitário<sup>37</sup> organizado por Reinaldo Santana<sup>38</sup> e Wellington Silva<sup>39</sup>. Na oportunidade inscrevi a oficina Mulheres Sem Moldura e também a exposição fotográfica do mesmo projeto.

A oficina no Teatro das Ribeiras, em Icó- CE, aconteceu dia 14 de julho de 2017, teve duração de 4 horas e foi repleta de beleza e histórias de grandes mulheres que tinham por anos apagado o brilho de uma das partes de seus corpos por não se encaixar no padrão de “beleza” tão propagado nas mídias.

Nessa encontrei uma mulher com uma historia bem parecida com a minha sobre o abdômen, mas com um agravante. Devido à modificação do seu corpo após a primeira gestação, ela disse que chegou a rejeitar o filho e colocava nele a culpa dela agora não ser mais uma “bela” mulher. Compartilhei minha história com ela e as demais mulheres que também contaram as suas.

---

<sup>37</sup> Encontro organizado pelo Grupo "Entrou por uma porta", que atua em teatro comunitário no Rio há mais de 25 anos. O Encontro Internacional de Teatro Comunitário do Rio de Janeiro aborda a diversidade desta forma de elaboração teatral, mostrando o desenvolvimento característico de cada comunidade dos países participantes. Durante o encontro, os grupos de teatro participantes convivem em um ambiente comum, em uma residência artística. Podendo compartilhar e adquirir saberes artísticos. Além disso levam arte para várias comunidades periféricas, permitindo que moradores desses locais possam assistir e também praticar diversas formas artísticas.

<sup>38</sup> Diretor de Teatro e Gestor Cultural do Grupo Entrou Por Uma Porta do Rio de Janeiro.

<sup>39</sup> Ator e Diretor da CIA. WSA DO TEATRO em Icó- CE.

Fomos nos desmecanizando, praticando os jogos e as brincadeiras e no final da oficina mudanças positivas tinham acontecido. Era o começo de uma nova história de mulheres que se libertaram de suas “Molduras” e apresentaram uma bela e poética *performance* onde essas mulheres fizeram uma ato de libertação recitando poesias e dançando livremente mostrando seus diferentes e naturais corpos sem medo de julgamentos, completamente fora de molduras. A cada etapa realizada me sentia com mais entusiasmo, mais desejo de que o Sem Moldura chegasse a mais mulheres para que novas possibilidades de mudanças pudessem acontecer em suas vidas e continuei.

### 3.2 – Segunda Oficina

Este evento foi mais uma etapa do Encontro de Teatro Comunitário e desta vez aconteceu em São Paulo. Neste inscrevi e participei com a oficina Mulheres Sem Moldura, a Exposição Foto Vídeo Sem Moldura e o monólogo Blanche Dubois.



**Foto: Emanuelle Borba (2018)**  
**Finalizando a montagem da Exposição Foto Vídeo Sem Moldura na Fatec-SP**

A oficina foi realizada na Fatec-SP e nesta houve uma novidade no tipo de participantes que até então só tinha sido mulheres. Participaram vários homens o que me fez atentar para a importância de dialogar também com o público masculino que muitas vezes sofrem com algumas das imposições sociais e que muitas vezes os levam a assumir uma posição machista nem sempre desejada, mas por medo de sair da moldura.



**Foto: Rozebel Tenório (2018) - Praticando jogos teatrais.**

Em muitos casos agem desde crianças obedecendo às regras da cultura machista e sabe-se que nem sempre é uma escolha, muitas vezes é reflexo da opressão sempre vivida. Ouvimos tanto quando crianças: “Homem não chora.”; “Ande como homem, rapaz.”; “Menino larga essa boneca, você é macho”; “E é uma mulherzinha para tá lavando louça.”; “Você casar com fulana vai morrer de fome, porque ela não sabe nem fazer um arroz”; “Ele segura o bebê igual uma mulherzinha”.

Como, qual a opção de se tornar um adulto fora da moldura? Poucas são as chances quando se tem essa formação. Homens também sofrem ao serem reprimidos e obrigados a se enquadrarem em molduras.

Diante da cultura machista eles não podem nem chorar. O choro é para os frágeis e nesse caso, são as mulheres. É retirado até o direito de expressar sentimentos, algo que é naturalmente inerente aos seres humanos independente do gênero.

O machismo é mais intenso e cruel quando se trata das mulheres, mas repito. Muitos homens também sofrem péssimas consequências. O machismo faz mal para a humanidade.

O machismo não costuma matar homens. (a não ser que esse homem beije outro homem no meio da Avenida Paulista). O machismo prefere matar mulheres. O machismo odeia todas as mulheres que não se encaixam em seu asqueroso e pobre padrão. Mas também odeia os homens que não correspondem às suas tristes expectativas. E reprime-os. Julga-os. Condena-os. Não os mata com armas de fogo, não os espanca no chão da cozinha, não os violenta nos becos escuros. Mas mata, sim, a cada dia, um pouco da sua liberdade, da sua paz, dos seus sonhos. (MANUS, 2016).

Toda e qualquer forma de opressão deve ser abolida seja ela contra homens ou mulheres. O machismo não só odeia mulheres, como diz Manus, ele odeia todos que não sejam submissos às suas cruéis regras de viver sem paz, sem liberdade, sem amor e sem direito de sonhar.

Durante a prática dos jogos e brincadeiras os homens foram os que mais resistiram, principalmente quando tinha a necessidade de tocar o corpo do outro e falar de suas “molduras”.

Nesses momentos observei o quanto eram emoldurados, o quanto de amor próprio eles tinham deixado de viver e quão distantes estavam de suas essências por está preso em molduras que foram enrijecendo suas vidas.

Minha atenta observação foi confirmada nas falas que eles fizeram ao público no final da oficina. Com muita gratidão compartilho aqui alguns trechos dos depoimentos dados por alguns dos participantes:

Essa dinâmica foi algo desafiador, quebrar vários problemas. É difícil falar de você em uma sociedade que cobra muito, você acaba vendo o outro, mas esquece de você. E você cria uma moldura baseada na sociedade. E realmente é complicado de lidar com isso, quebrar essa moldura, sair desse “enquadramento” social. É difícil de falar, é difícil se impor, demonstrar qual que é seu ponto fraco seu ponto forte. Essa condição do quê que você é perante a sociedade. Todo mundo se expôs, isso é legal. Você entender o problema do outro e expor o seu também é uma troca de sentimentos muito forte e isso realmente gera um vínculo, um elo muito forte porque você sabe do problema do outro e ele sabe o seu. A gente dividiu esse momento único que foi trabalhar desse modo, numa brincadeira, descontração, numa roda lá que você fala quem você é na sua infância o que você gostava de fazer e o que você sente falta. (ARQUIVO PESSOAL, 2018).

Percebe-se que junto à “moldura” sempre há um medo de expor quem de fato somos por sabermos da cobrança de muitos da sociedade. Brincar nos encoraja a quebrar as amarras que nos limita. Brincando reverberamos os personagens que na verdade são o nosso ser real, o que por vezes é reprimido.

Fico um pouco nervoso, mas com o decorrer da peça você percebe que até seu nervosismo é um pouco até do processo social que a gente posto. Então eu acho que acima de uma atividade teatral é uma atividade de desconstrução, sabe? A gente chega aqui tão carregado do que o mundo joga na gente, do que as pessoas acham da gente que a gente até esquece do que a gente acha da gente mesmo. A gente enquanto quadro político tá tão acostumado a falar do mundo, mas esquece de falar da gente de pensar na gente, esquece de entender quais são nossas necessidades. Então recomendo que quem nunca participou dessa atividade singular, participe que é fenomenal, você entender, você se reencontrar. (ARQUIVO PESSOAL, 2018).

Diante desses e muitos outros depoimentos ouvidos no final de cada oficina percebo ainda mais a grandeza desse projeto que nunca foi realizado só pela Rozebel, mas por multiplicadores assim como o PH e o Luca que falaram anteriormente. Que se transformam e vão multiplicando essa prática de gerar o bem ao próximo por meio de fazeres tão simples, mas que pouco feito. Fazeres como compartilhar suas problemáticas e ouvir as do próximo sem pré-julgamento, apenas ouvir e juntos ir de mãos dadas em busca de soluções que por muitas vezes estão em um simples abraço que suas “molduras” nunca permitiram dar nem receber.

Essa oficina finalizou com a apresentação de uma bela performance a qual nem os performers sabiam que estavam realizando, pois para eles ainda era apenas a continuidade das brincadeiras e jogos da oficina. Descreverei como ocorreu e deixo livre a escolha para que você, caro leitor, conceba tal espetáculo, como continuação dos jogos ou uma apresentação de arte *performance*.

No “final” da oficina fizemos uma pausa para o lanche e enquanto os “performers” lanchavam fora do auditório eu fui construindo o cenário do próximo “jogo”. Era uma pequena cabana improvisada com uma escada dupla de metalon e um colchão encostado que foi coberto por uma cortina.

O jogo que descreverei agora eu conheci em uma das aulas de interpretação ministrada, pelo professor Davi Farias, como aluna do curso de Arte Dramática da ETA/Ufal.

Dentro da cabana tinha uma mesinha e nela três espelhos. Os participantes não sabiam da existência deles. Combinei com eles que dentro da cabana tinham três molduras com uma imagem de uma pessoa muito importante para o mundo em cada uma delas e eles deveriam escolher uma dessas pessoas das imagens e descrever para a plateia a pessoa que eles viram e qual sua importância para o mundo, mas só poderiam revelar quem era essa pessoa quando todos tivessem falado sobre ela e perguntado para a plateia se eles faziam ideia de quem era.

A plateia chegou e começamos. Eu iniciei explicando para ao público que eles deveriam ficar atentos para descobrir quem eram as três personalidades que estavam nas molduras da cabana e em seguida os “jogadores” começaram a jogar. Um de cada vez ia à cabana e seguia para o centro do palco para contar para a plateia quem era a pessoa.

Uns demoravam em reagir e ficavam minutos em silêncio atrás da cabana; outros vinham empolgados para falar e ao ficar diante da plateia simplesmente caíam no choro; outros ainda se descreviam sem parar, dizendo que a pessoa era guerreira, sofredora, que nunca tinha olhado para ele, só pensava nos outros, mas nunca nela...; outros disseram que a pessoa tinha nascido recentemente e iria transformar o mundo através do amor. E a plateia ia reagindo, dizendo nomes de personalidades, principalmente políticas e religiosas, como Lula e Madre Tereza.

Quando todos fizeram suas descrições, houve um tempo para a plateia reagir e dar suas respostas. Sem combinar, o amor humano reverberou em um grande abraço coletivo e um grito onde diziam que essa pessoa importante para o mundo sou eu e é você!

E aqui eu digo: Somos todos importantes e podemos ser ainda muito mais quando multiplicamos o amor à vida humana!

Já tinha realizado algumas vezes esse jogo durante as oficinas, mas nunca com a presença de uma plateia. Eu o vi nesse momento como uma *performance* a partir de um jogo. Jogo que levou pessoas a serem *performers* e *performers* que levou histórias de vidas para o palco de maneira artisticamente bela.

### 3.3 – Terceira Oficina

A terceira oficina partiu do desejo de algumas mulheres que participaram da primeira oficina e queriam levar o projeto para ser vivido por outras mulheres da sua cidade. Articulei com Calixto e Érika Louka, que conseguiram o apoio do SINDSEC<sup>40</sup>, de Canindé-CE, para minha estadia, passagens, alimentação, espaço para divulgação e realização do evento. O evento foi divulgado na rádio Norte FM e pelas redes sociais, das organizadoras e do sindicato.



**Foto: Anderson Martins (Um dos radialistas na Norte FM). (2018)  
Na rádio Norte FM, divulgando o evento Sem Moldura.**

O evento aconteceu dia 01 de setembro de 2018, no auditório do SINDSEC e iniciou às 8 horas, com a abertura da exposição fotográfica; ao mesmo tempo as participantes das oficinas iam sendo recepcionadas e se preparando para a mesma que teve início às 9 horas. Ficamos em prática das 9h às 17h, com uma pausa de 2 horas pra o almoço.

Desta vez mais novidade no público participante. Contamos com a presença de duas crianças que estavam acompanhando suas mães, participantes da oficina. Elas abrilhantaram ainda mais o momento com a naturalidade e pura essência da infância.

<sup>40</sup> Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Canindé.



Estávamos diante de duas vidas nos mostrando o que por meio dos jogos e brincadeiras estávamos tentando acessar. Entre a prática de um jogo e uma brincadeira, dialogávamos como estava sendo brincar, jogar e como estavam vendo as crianças fazendo o mesmo, quais eram as diferenças.



**Foto: Rozebel Tenório (2018)**  
**Momento de pausa durante a oficina.**

A conversa foi regada pelas palavras leveza, liberdade, vida, quando se tratava das crianças, e quando falavam de suas vidas as palavras tomavam outro rumo, era obrigação, prisão, tristeza. Ouvimos muitas histórias tristes. Terríveis são as dores causadas por viver em “molduras”.

Uma frase dita por uma das mulheres, e que não esqueço, “Me sinto uma boneca de plástico diante da sociedade”. Depois ela descreveu o que quis dizer. Ela dizia que se esconde tanto atrás de roupas e sapatos desconfortáveis, maquiagens, modelagem de cabelos, unhas, sobrancelhas, depilação e acessórios, como brincos, pulseiras, óculos e outros, que quando raramente consegue estar sem essa montagem, nem consegue mais se reconhecer, sente como se ela real não servisse para a sociedade e isso lhe causava profunda tristeza.

Cada uma foi descrevendo suas dores, ouvindo as das outras, e muitas disseram que nunca havia falado sobre esse assunto com ninguém, pois tinham medo e também vergonha. O medo e a vergonha surgem pelo fato de terem sido ensinadas desde crianças a viver esses padrões, mesmo que contra sua vontade, e revelar que não se enquadram é muitas vezes perigoso principalmente quando se vive na companhia de machistas.

Depois de dividir suas histórias e de brincar com as mesmas, sente-se uma leveza pairando em seus corpos que agora se movimentam levemente, cheios de vida e expressam liberdade. E tão leves se sentem que foram organizando a *performance* que seria mostrada ao público ainda na noite daquele mesmo dia.

Pensando na “boneca de plástico”, iniciaram a *performance* embrulhando em papel filme a parte do corpo a qual elas não aceitavam.



**Foto: Rozebel Tenório (2018)**  
**Performers se posicionando para o início da apresentação.**

A plateia ia entrando no auditório e já se deparava com a cena, elas se contorcendo, tentando sair da moldura e aos poucos iam se libertando indo para o palco, onde terminaram de se soltar e ajudaram as outras a se libertarem.

Livres da emplastificação, cantaram a música, “Mulheres”<sup>41</sup>, na voz de Gaby Amarantos<sup>42</sup> e em seguida gritaram frases de liberdade, como: “Meu corpo minhas regras”, “Cansei de ser boneca”, “Eu sou livre”, “Sou mulher de verdade” e finalizaram brincando de roda cantando a música popular infantil “Alecrim Dourado”.



**Foto: Rozebel Tenório (2018)**  
**Momento da *performance* em que elas brincam de roda, cantando a música, “Alecrim dourado”.**

<sup>41</sup> Versão da música de Martinho da Vila do Grupo SAMBA QUE ELAS QUEREM.

<sup>42</sup> Gabriela Amaral dos Santos, cantora que nasceu na cidade de Belém do Pará. A rainha do Tecnobrega que faz sucesso em todo o Brasil.



**Foto: Rozebel Tenório (2018)**  
**Performers e plateia na roda de conversa.**

As participantes contaram para a plateia como foi todo o processo da oficina; eu compartilhei um pouco sobre mim e sobre a história do Sem Moldura; houve também espaço para a plateia fazer comentários, perguntas e foi uma troca positiva. Contar ao público sobre o processo é deixá-lo também fazer parte do mesmo.

O público comentou que deveria ter mais uma oficina para que eles pudessem participar. Nesse momento eu disse que a semente fora plantada e que cada uma das meninas que participaram seria capaz de fazer acontecer outros momentos como aquele com outros grupos mesmo sem minha presença.

Que agora elas são multiplicadoras do Sem Moldura. É assim que sinto no final de cada etapa. Como também acontece com os que participam dos movimentos do Teatro do Oprimido e desejam repassar o que foi aprendido. O Centro do Teatro do Oprimido define em seu site o que é o multiplicador dentro da perspectiva do Teatro do Oprimido:

Multiplicador: Ativista sócio-cultural, oriundo de Pontos de Cultura, grupos culturais, movimentos sociais e organizações sócio-culturais, que utilizam o TO como instrumento de trabalho e de comunicação – lúdico e eficaz – na atuação comunitária, para dinamizá-la e diversificá-la para ampliar seu raio de ação. (TEATRO DO OPRIMIDO, 1986-2020).

A multiplicadora do Sem Moldura assim como as do Teatro do Oprimido podem também utilizar as ferramentas abordadas nas oficinas para construção de formação e transformação de outros grupos. Isso pode ser dado tanto por meio de oficinas quanto por encontros e diálogos que podem se transformar em performances. Quando praticamos algo que nos transforma e compartilhamos de maneira direta ou indireta já nos tornamos multiplicadoras do que acreditamos.

### 3.4- Quarta Oficina

Mais uma oficina Mulheres Sem Moldura. Desta vez aconteceu no dia 17 de julho de 2018, no salão de festa Data Festa, no bairro de Santa Lúcia, Maceió- Al. Foi um encontro de mulheres amigas.

Uma delas foi Ingrid Omena, a dona do restaurante onde aconteceu a primeira exposição fotográfica do Sem Moldura, as outras eram Iandra, que participou da primeira performance, Shirley, que produziu nosso caderno de assinaturas e montou o cenário da primeira exposição, e Selma, que estudava comigo na graduação de Teatro e acompanhou várias etapas do projeto registrando os momentos em vídeos e fotos.



**Foto: Rozebel Tenório (2018)**

**Da esquerda para direita, Tamires Iandra, Selma Santos, Shirley Lima e na frente eu. No momento de pausa durante a oficina.**

Praticamos vários jogos, brincadeiras, contamos sobre alguns processos nos quais nos libertamos de algumas molduras, falamos sobre prisões ainda existentes e nos dispusemos à prática de novos jogos e brincadeiras para quem sabe visualizar outras molduras e encontrar meios de desenquadrar das mesmas.

O movimento por meio dos jogos é sempre libertador. Mantém viva cada partícula do nosso corpo, inclusive o cérebro que muitas vezes deixamos adormecido, agindo apenas mecanicamente. Augusto Boal disse:

A morte endurece todo o corpo, começando pelas articulações. Chaplin, o maior mímico, o bailarino, já não pode dobrar os joelhos. Assim, são bons todos os exercícios que dividem o corpo nas suas partes, nos seus músculos, e aqueles em que se ganha controle cerebral sobre cada músculo e cada parte, tarso, metatarso e dedos, cabeça, tórax, pelve, pernas, braços, face esquerda e direita, etc.(BOAL, 1979, p.58).



**Foto: Rozebel Tenório (2018)**  
**Participantes, durante a prática de jogos teatrais.**

Sigamos o mestre Boal! Não queiramos ser mortos vivos. É saudável manter uma rotina de brincadeiras e jogos teatrais, ainda que não tenhamos pretensão de que a partir dessa prática nasça uma *performance* ou espetáculo teatral, como foi o caso dessa oficina. Praticamos por querer estar em movimento, sentir nossos corpos ativos e que temos o controle dos mesmos.

As meninas inicialmente tiveram resistência em abrir suas histórias e entendo que isso talvez tenha ocorrido por conta que estávamos entre amigas e isso faz com que o processo para esse acesso se dar de maneira mais complexa, pois essas dores são íntimas demais ao ponto de não poder ser compartilhada com pessoas próximas.



**Foto: Rozebel Tenório (2018)**  
**Participantes, durante a prática de jogos teatrais.**

Os jogos, como na maioria das vezes, vão desmecanizando o jogador que vai se permitindo ouvir mais, sentir mais, se perceber mais de modo geral e dessa forma aos poucos elas se encorajaram e se sentiram seguras em compartilhar seus medos. Acredito muito no poder transformador de vidas que se tem nesses momentos, quando nos



permitimos sem obrigação, sem imposição compartilhar nossas histórias para que juntas possamos buscar soluções dos problemas que nos afetam.



**Foto: Rozebel Tenório (2018)**  
**A participante Ingrid Omena pega no flagra na hora do lanche.**

No final para comemorar por mais molduras terem se quebrado fizemos aquele delicioso *coffee break* a base de pão com salame e refrigerante e assim celebramos pelas nossas e pelas vidas de muitas mulheres que estão se reconstruindo após participarem do nosso projeto:

**Por um mundo de humanos “Sem Moldura”!**

## Considerações Finais

O Sem Moldura é um projeto que por meio de fazeres artísticos tem buscado soluções para minimizar a problemática da desigualdade de gênero que tanto fere os humanos e principalmente as mulheres. Tentamos essas soluções levando de forma artística o tema para ser discutido em comunidades onde o acesso à arte e informação é muito raro e às vezes nenhum.

Criando espaços para que homens também possam dialogar com as mulheres sobre esses sofrimentos e possam entender o quanto são prejudiciais as ações machistas, inclusive para os próprios homens.

O nosso fazer artístico não busca somente entreter, mas também informar, comunicar o sofrimento das mulheres diante do grande número de pessoas machistas, no intuito de junto à sociedade buscarmos minimizar esse padrão social destrutivo.

Sejam esses sofrimentos físicos ou psicológicos como alguns traumas relatados aqui sobre algumas mulheres e também sobre mim. Viver dezessete anos sem conseguir olhar uma das partes do seu corpo ao ponto de odiar-se em nome do padrão imposto por muitos machistas da sociedade é cruel e desumano demais.

Em cada etapa que aqui foi relatada houve ganho, pessoas se encontraram, se ajudaram e agora estão por aí livres e ajudando outras pessoas, essa é para mim a principal função da educação e da arte. Libertar, construir pontes, abrir novos horizontes sem distinção de pessoas.

Pontes construídas através do ato de solidariedade em doar tempo para ouvir o outro, cruzar estradas do Sudeste ao Nordeste do país em busca de levar esperança de um mundo mais generoso, onde haja mais igualdade entre humanos, onde haja mais amor ao próximo, mais vidas felizes.

Ministrar cada oficina e encontrar por meio de brincadeiras e jogos teatrais possibilidades de romper barreiras, nos tornar protagonistas da nossa história, sair do lugar comum e encontrar espaços para debater sobre estereótipos femininos impostos pela sociedade e criar multiplicadores do *Sem Moldura* é o que me motiva a compartilhar essas vivências.

## Referências

ARQUIVO PESSOAL: entrevista na oficina. Direção e produção de Rozebel Tenório dos Santos. Maceió: 1º vídeo, 2018. 2 vídeos digitais, quatro minutos e 11 segundos, sonoro, sem legenda.

BELCHIOR, Antonio Carlos. Álbum em CD, Alucinação, 1976.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 12ª edição. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2012.

BOAL, Augusto. **Exercícios e jogos para ator e não ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. 1ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Cena** – Periódico do programa de pós-graduação em artes cênicas/ Instituto de artes – UFRGS, Porto Alegre, RS, v. 1, n. 7, p. 77-88, 2009. ISSN 1519-275X.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

NEVES, Libéria. SANTIAGO, Ana. **O uso dos Jogos Teatrais na Educação**. Belo Horizonte: Papyrus Editora, 2010.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem numa série de cartas**. São Paulo: Iluminuras, 1995.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais na sala de aula: o livro do professor**. São Paulo: Perspectiva, 2007.



ZANELLO, Valeska. et.al (org.) Amanda K. Lemos. **Maria da Penha vai à escola: educar para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.** Brasília: TJDFT, 2017.

### Referencias da Internet

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. Revista Sala Preta, 2009.

Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57373>> Acesso em: 03 de julho de 2020, às 18h21min.

A GRANDE causa da violência [contra a mulher] está no machismo estruturante da sociedade brasileira. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios.

Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/artigos-discursos-e-entrevistas/entrevistas/2019/a-grande-cao-da-violencia-contra-a-mulher-esta-no-machismo-estruturante-da-sociedade-brasileira>> Acesso em: 29 de maio de 2020, às 15h29 min.

BOAL, Augusto. Augusto Boal, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em:

<<http://augustoboal.com.br/>> acesso em: 30 de maio de 2020, às 17h11min.

COISAS DE menino e coisas de menina. Melhor Escola, 2013-2020. Disponível

em:<<https://www.melhorescola.com.br/artigos/coisas-de-menino-e-coisas-de-menina>> Acesso em 29 de maio de 2020 às 23h50 min.

COHEN, Renato. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa256193/renato-cohen>>. Acesso em: 29 de maio de 2020 às 23h32 min.

CONCEICAO, Flávio Santos da. Escavador, 2020. Disponível em:<

<https://www.escavador.com/sobre/7719037/flavio-santos-da-conceicao>> Acesso em: 30 de maio de 2020, às 17h57 min.

CUIDAR do cabelo é mais que estética. **Jornal de Brasília**, 2013. Disponível em:

<https://jornaldebrasil.com.br/cidades/cuidar-do-cabelo-e-mais-que-estetica/> Acesso em: 29 de maio de 2020, às 23h19 min.

DA INFÂNCIA ao teatro, o papel dos jogos no estímulo do faz de conta.

Spescoladeteatro, São Paulo, 2019. Disponível em:

<<https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/da-infancia-ao-teatro-o-papel-dos-jogos-no-estimulo-ao-faz-de-conta>> Acesso em: 30 de maio de 2020, às 17h21 min.

DIAS, Cristiano Cesar Mattos. Escavador, 2020. Disponível em:  
<<https://www.escavador.com/sobre/5569385/christiano-cesar-mattos-dias>> Acesso em:  
30 de maio de 2020, às 17h 59 min.

ESCRAVOS DE JÓ com cordas. 2018. Vídeo digital, um minuto e quarenta e nove segundos, sonoro, sem legenda. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=OgUJe6IoWvk>> acesso em 18 de maio de 2020, às 12h20 min.

ESCRAVOS DE JÓ com copos nas 4 fases. 2017. Vídeo digital, um minuto e dezesseis segundos, sonoro, com legenda. Disponível em: <  
<https://www.youtube.com/watch?v=IAM0tbcblg0>> Acesso em: 18 de maio de 2020, às 12h e 30 min.

FARIAS, Jamerson (jamsshit12@gmail.com) assunto: crítica foto-vídeo sem moldura. E-mail para SANTOS, R.T.D. ([rozebel@bol.com.br](mailto:rozebel@bol.com.br)) Acesso em: 03 de dezembro de 2017.

KORTE, Julia. As Brasileiras são as que mais gastam tempo e dinheiro com os cabelos. Revista Época, 2013. Disponível em:  
<<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2013/07/brasileiras-sao-que-mais-gastam-tempo-e-dinheiro-com-os-cabelos.html>> Acesso em: 29 de maio de 2020, às 23h.

LIMA, Patrícia. Reflexões e significados da relação da mulher com o cabelo. Gauchazh.clicrbs, 2014. Disponível em:<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/beleza/noticia/2014/12/reflexoes-e-significados-da-relacao-da-mulher-com-o-cabelo-cjpldtcg200hdmncnu31ke54s.html>> Acesso em: 29 de maio de 2020 às 23h23min.

LICKO TURLE. E-papers, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[http://www.e-papers.com.br/autor\\_menu.asp?codigo\\_autor=469](http://www.e-papers.com.br/autor_menu.asp?codigo_autor=469)> Acesso em: 30 de maio de 2020, às 17h34 min.

MANUS, Ruth. O quanto o machismo também reprime os homens. Estadão, 2016. Disponível em:<<https://emails.estadao.com.br/blogs/ruth-manus/o-quanto-o-machismo-tambem-reprime-os-homens/>> Acesso em 30 de maio de 2020, às 00h20 min.

METAXIS USP, Oficina do Teatro do Oprimido. São Paulo, 2008. Vídeo digital, nove minutos e quarenta e três segundos, sonoro, sem legenda. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=jZ1Zk2Py8G4>> Acesso em: 18 de maio de 2020, às 12h.

MOURA, Catarina. Perigoso e sedutor, uma história do cabelo comprido; Observador, 2017. Disponível em: <<https://observador.pt/especiais/perigoso-e-sedutor-uma-historia-do-cabelo-comprido/>> Acesso em: 29/05/2020, às 15h47.

MOREIRA, Jussara trindade. Escavador, 2020. Disponível em:<<https://www.escavador.com/sobre/3446561/jussara-trindade-moreira>> Acesso em: 30 de maio de 2020, às 17h 30 min.

OS DESAFIOS da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE produções didático-pedagógicas. Ponta Grossa: secretaria de estado da educação – SEED, 2013. Volume 1. Versão On-line ISBN 978-85-8015-075-9. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2013/2013\\_uepg\\_arte\\_pdp\\_sergio\\_luiz\\_borges.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uepg_arte_pdp_sergio_luiz_borges.pdf)> Acesso em 29 de maio de 2020, às 22h.

PINHEIRO, Udson. Scribd, 2020. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/user/209078378/Udson-Pinheiro>> Acesso em: 30 de maio de 2020, às 17h14 min.

PINTO, Helen Sarapecck Ribeiro. Escavador, 2020. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/4476818/helen-sarapecck-ribeiro-pinto>> Acesso em: 30 de maio de 2020, às 17h24 min.

RABELO, Flávio. Flávio Rabelo. Disponível em: <<http://flaviorabelo.com/filter/flaviorabelo/artista-pesquisador>> Acesso em: 30 de maio de 2020, às 17h17 min.

RODRIGUES, Luciano (acmpluciano@gmail.com) assunto: texto crítico. E-mail para SANTOS, R.T.D. ([rozebel@bol.com.br](mailto:rozebel@bol.com.br)) Acesso em: 28 de novembro de 2017.

SARAPECK, Helen. O jogo no teatro do oprimido. Unirio, 2020. Disponível em: <<http://www.unirio.br/cla/ppgeac/processo-seletivo-2020/bibliografia-em-construcao/sarapecck-helen-o-jogo-no-teatro-do-oprimido>> Acesso em 30 de maio de 2020, às 00h12 min.

SILVA, Henriette Valéria da. O padrão de beleza imposto pela mídia. Observatório da imprensa, 2014. Disponível em:< [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/ed794\\_o\\_padrao\\_de\\_beleza\\_imposto\\_pela\\_midia/](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/ed794_o_padrao_de_beleza_imposto_pela_midia/)> Acesso em 29 de maio de 2020 às 23h58 min.

TEATRO DO OPRIMIDO. Ctorio, 1986-2020. Disponível em:  
<<https://www.ctorio.org.br/home/metodo/>> Acesso em 29 de maio de 2020 às 23h45 min.

VEJA DISCURSO de augusto boal sobre o dia mundial do teatro. Folha de São Paulo, 2009. Disponível em<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2009/03/540686-veja-discurso-de-augusto-boal-sobre-o-dia-mundial-do-teatro.shtml>> Acesso em: 30 de maio de 2020, às 00h16 min.